Novo acordo de gestão está a ser renegociado com o Ministério da Saúde

Hospital de São Paulo, em Serpa, vai apoiar unidades de saúde do Alentejo Central e Litoral

Unidade médico-cirúrgica deverá começar a funcionar em outubro | 6

Semanário Regionalista Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
30 AGOSTO 2024
Diretor: Marco Monteiro Cândido
Ano XCIII, N.º 2210 (II Série)
Preço: € 1,00

Com 44 anos, a Somincor vive num equilíbrio entre a exploração mineira, o desenvolvimento da região e as necessidades das populações | 4/5

neves-corvo

EDITORIAL

"Trancas à porta"

"Ao longo desta semana andámos mais sensibilizados, as autoridades fizeram apelos e alertas, discutiu-se a legislação, as medidas de segurança e os planos de contingência, mas, pouco a pouco, lentamente, tudo começará a ser esquecido até voltar a acontecer algo do género".

"Casa roubada, trancas à porta". Assim dita o provérbio popular que, como todos sabemos, significa qualquer coisa como a "necessidade de tomar medidas de proteção ou segurança, que muitas vezes se concretizam quando já se torna um pouco tarde ou desnecessário", segundo o *site* Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Ora, vem isto a propósito do acontecimento que, no início da semana que agora finda, acordou, literalmente, grande parte de Portugal, o que não foi o caso deste que vos escreve. Na madrugada da passada segunda-feira, pelas 05:11 horas, fez-se sentir, um pouco por todo o País – com especial incidência no Sul –, um sismo, de magnitude 5,3 na escala de Richter, com epicentro a cerca de 60 quilómetros de Sines, em pleno Atlântico.
Apesar do susto por que muitos passaram – e disso, não duvido –, agora que o mesmo já ficou para trás, não deixa de ser sintomático de como este País é e de como se encaram os (possíveis) problemas que possam surgir. Desde logo, as imagens em vídeo, repetidas até à exaustão, de imóveis, candeeiros e toda a espécie de bibelôs que se possam ter em casa a abanar pouco mais do que nada. Uma verdadeira "tempestade no copo de água", já que o sismo, apesar da sua importância, não foi de tal forma intenso que fosse sentido por toda a gente. Vejam-se os danos pessoais ou materiais praticamente inexistentes. No entanto, não me interpretem mal: não quero com isto dizer que não se deveria dar conta do fenómeno, noticiá-lo ou reagir-se a ele. No entanto, deveremos fazê-lo com peso, conta e medida proporcionais. E, aqui, *mea culpa*, a bolha mediática em muito contribui para isso. E porquê? Simplesmente porque nos encontramos naquela altura do ano em que pouco, de verdadeiramente importante, acontece e o que ainda vai sucedendo assume proporções, quase, injustificadas. O início da semana, para muitos órgãos de comunicação social, principalmente as televisões, foi quase como uma "lotaria", tal não foram as horas infindáveis de entrevistas, comentários, análises, projeções e exercícios de memória que foram feitos sobre este sismo e anteriores. Aliás, a título de curiosidade, nesta edição do "Diário do Alentejo", abordando o recente tremor de terra, recordamos abalos de outrora e como foram noticiados no nosso jornal.
Mas, e é este o verdadeiro intuito deste texto, a sensação que fica sempre após um acontecimento do género – sejam intempéries, inundações, incêndios, o que for – é de que não estamos verdadeiramente preparados para quando um dia for a sério. Ao longo desta semana andámos mais sensibilizados, as autoridades fizeram apelos e alertas, discutiu-se a legislação, as medidas de segurança e os planos de contingência, mas, pouco a pouco, lentamente, tudo começará a ser esquecido até voltar a acontecer algo do género. Vejam-se as reações, até as oficiais, ao sismo. No final, todos dirão: correu tudo dentro da normalidade e do previsto. Pudera: o que aconteceu acabou por não ter um verdadeiro impacto, tirando algum alarme social e pouco mais do que isso. Na verdade, e aqui se aplica a expressão do início, com o sismo, como em tanto do que se passa na sociedade portuguesa, o sentimento que fica é o de "casa roubada, trancas à porta", como diz o provérbio popular. Se fosse um sismo de maior intensidade, não sei até que ponto estaríamos verdadeiramente preparados. Ao menos tivemos assunto para uma semana e até para um editorial! MARCO MONTEIRO CÂNDIDO

EM DESTAQUE

"Este Governo, tal como o anterior, concorda com que seja a Santa Casa da Misericórdia de Serpa [com recurso à UMP] a gerir o equipamento".

José Rabaça Presidente indigitado do conselho de administração do Hospital de São Paulo

Página 6

PATRIMÓNIO DE OFÍCIOS
"A minha criatividade surgiu da necessidade de construir os meus brinquedos"

SERPA GOLEOU EM MOURA

Página 18

3 PERGUNTAS A...

JOSÉ MANUEL SANTOS

PRESIDENTE DA TURISMO DO ALENTEJO E RIBATEJO

Com a colaboração de especialistas em aviação, hotelaria e operadores turísticos, a Turismo do Alentejo e Ribatejo está a preparar um documento sobre o aeroporto de Beja que pretende apresentar, até final do ano, ao Governo e à ANA – Aeroportos de Portugal. Quais os objetivos a que se propõe esta iniciativa?
Uma região turística em crescimento não se pode dar ao luxo de possuindo um aeroporto não o procurar rentabilizar. Veja-se, por exemplo, o lóbi que a região Centro fez para conseguir a construção de um aeroporto comercial…Porque percebeu que isso seria estratégico para o seu crescimento. Mas, pelo menos para já, não o vai ter. Em contrapartida, nós, no Alentejo, temos uma infraestrutura aeroportuária pronta. É bom reparar que as condições da oferta turística na região mudaram significativamente, desde 2011. Não somos mais a região das 10 mil camas, dos quatro por cento da oferta e da procura. O destino cresceu em quantidade e qualidade. Chegou a altura de revisitar o tema do aeroporto de Beja na sua ligação ao turismo. É isso que vamos fazer, ainda este ano.

Acredita ser possível, a curto/médio prazo, a infraestrutura afirmar-se, em termos de voos comerciais, para lá de uma "pista VIP"?
O nosso foco é esse. O documento operacional a elaborar irá aportar valor a esta discussão e juntar-se aos demais contributos prestados por outras entidades – autarcas, plataformas, políticos, personalidades diversas, etc. Mas, pela primeira vez, será conduzido um diálogo técnico e estruturado sobre o aproveitamento comercial-turístico do aeroporto de Beja, envolvendo especialistas da aviação e do turismo e dinamizado por uma consultora com créditos firmados. Obviamente, contaremos com a ANA, Turismo de Portugal, Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo e a Agência Regional de Promoção Turística para participarem na ajuda à validação de todo o trabalho.

Qual a importância que o aeroporto de Beja pode ter para a região, de acordo com a sua visão para este ativo?
Só há um caminho para o turismo do Alentejo: crescer. Ainda podemos aumentar as dormidas de portugueses, contudo, o nosso foco principal tem de ser o mercado externo, fundamental na melhoria significativa do desempenho das unidades de alojamento. O Alentejo Litoral, que concentra a maior oferta e procura de alojamento turístico, teve, em 2023, 1,2 milhões de dormidas, mas, em contrapartida, a sazonalidade é altíssima. Precisamos de operações aéreas para os meses de menor afluxo. E a oferta que está a aparecer naquela zona vai justificar o investimento na captação de rotas e de operadores. O destino está a mudar e o aeroporto de Beja não pode ser uma ilha. Reuni, também, com promotores que estão a avançar com projetos no Alqueva e todos eles confiam no aeroporto como fator decisivo de alavancagem dos seus negócios. Não podemos defraudar esses empresários.

JOSÉ SERRANO

IPSIS VERBIS

Nós voltamos a insistir, a delegação da Anafre, para ver se até abril [de 2025] estava resolvido [o processo de desagregação de freguesias] para termos os seis meses para dar tempo para as eleições autárquicas. Foi uma promessa dos nossos presidentes de junta nas últimas eleições autárquicas, de voltar ao que era, e o que é certo é que não estamos a conseguir (…) de voltarem a ser as freguesias que eram".

Vítor Besugo Coordenador da delegação distrital de Beja da Associação Nacional de Freguesias (Anafre), "Rádio Castrense"

D.R.

FOTO DA SEMANA

As obras de ligação da barragem do Monte da Rocha, no concelho de Ourique, ao Alqueva – através da barragem do Roxo, no concelho de Aljustrel –, estão já no terreno e a decorrer a bom ritmo. O presidente da Câmara Municipal de Ourique, Marcelo Guerreiro, manifestou a sua satisfação pelo avanço dos trabalhos no terreno, nomeadamente, a tubagem que começou a ser colocada, referindo ser um "projeto estruturante" para o seu concelho. Já o presidente da Câmara Municipal de Castro Verde, António José Brito, no mesmo sentido, sublinhou a importância do projeto para o seu município, mas também para toda a região do Campo Branco: "Depois de anos de exigência e do trabalho intenso iniciado há dois anos pelo anterior Governo, finalmente avança em bom ritmo no terreno a obra de ligação Roxo/Monte da Rocha (com ligação ao Alqueva)".

CARTAS AO DIRETOR

MEMÓRIAS DUMA PRIMA EMIGRANTE

ZULMIRA MATIAS PALMA PENEDO GORDO

No âmbito das festas da aldeia, foi tarde de cinema, um filme de comédia francês, que está agora na moda. A maior parte da assistência não precisa de legenda pois foram ou são emigrantes na França ou na Suíça.

Depois do cinema, a prima Olivia comenta o início da sua emigração, há cinquenta e tal anos. Primeiro foi o marido, enviava-lhe cartas com as comodidades, fotografias de banheiras, esquentadores, prédios altos, e, em contrapartida, pedia-lhe folhas de hortelã para poder temperar o cozido de grão.

Depois foi ela. Não tinham filhos, quando as coisas estabilizaram pensaram

Nisso. Como teve muito tempo sem engravidar, resolveu ir ao médico. Todos os dias, ao ir para o trabalho, passava à porta dum "médicen", e pediu para marcar uma consulta. No dia marcado foi com uma amiga que já sabia mais do Francês. Saíram de lá numa galhofa, o médico era ortopedista, mas lá a encaminhou para o colega ginecologista. "Oh, jolie portugaise".

Escrevo este texto em homenagem aos homens e mulheres, em especial aos alentejanos, que por uma razão ou outra deixaram o nosso país à procura de melhores condições. Neste dia faleceu o ator francês, Alain Délon (18/08/2024).

HERÓIS OLIVENTINOS NAS DESCOBERTAS

CARLOS LUNA ESTREMOZ

Olivença, berço de navegadores,
desd' um Aires Tinoco regressado,
a um Paulo da Gama de modos galantes,
a outros chegados a tanto lado!

Em trabalhos árduos de gigantes,
oliventinos de med' assustado
sonharam minas d' ouro e diamantes,
gratos por cada passo que foi dado.

Com o tempo lá foram aprendendo,
alentejanos de bem longe do mar,
d' ondas alterosas pouco sabendo.

Heróis oliventinos qu' é bom lembrar
almas ardentes de mitos vivendo,
lutando sempr' entre a sort' e o azar!

Semanada

SEXTA, 23

ACIDENTE FATAL NA EN2, EM CASTRO VERDE

Uma mulher de 44 anos morreu e uma menina de 12 anos sofreu ferimentos graves na sequência do despiste de um automóvel, na Estrada Nacional 2 (EN2), no concelho de Castro Verde. Fonte do Comando Sub-Regional de Emergência e Proteção Civil do Baixo Alentejo indicou à agência "Lusa" que o alerta para o acidente foi dado às 14:48 horas. O óbito da mulher foi declarado no local pelo médico da viatura médica de emergência e reanimação (VMER) de Beja, adiantou a fonte do comando sub-regional. A menina, de 12 anos, ferida com gravidade, foi transportada para o hospital de Beja, indicou a fonte da GNR.

SÁBADO, 24

COLISÃO RESULTA NUMA VÍTIMA MORTAL, EM ODEMIRA

O trânsito esteve cortado na Estrada Nacional 262 (EN 262) no concelho de Odemira, devido a uma colisão entre dois veículos ligeiros, de que resultaram um morto e dois feridos ligeiros. O alerta para o acidente, que ocorreu na freguesia de Vale de Santiago, no lugar de Bicos, foi dado pelas 18:43 horas. Nas operações de socorro chegaram a estar envolvidos 20 operacionais, entre os quais bombeiros, militares da GNR e elementos do INEM, apoiados por sete viaturas. Fonte do Comando Sub-Regional de Emergência e Proteção Civil do Alentejo Litoral indicou à agência "Lusa", por volta da 01:30 horas, do dia 25, que a circulação rodoviária no local do acidente passou a fazer-se de forma alternada.

DOMINGO, 25

DESPISTE EM OURIQUE FAZ VÍTIMA MORTAL

Um homem de 21 anos morreu na sequência do despiste de um automóvel ocorrido na Estrada Nacional 389 (EN389), no concelho de Ourique. Fonte do Comando Sub-Regional de Emergência e Proteção Civil do Baixo Alentejo indicou à agência "Lusa" que o acidente, para o qual foi dado o alerta às 14:05 horas, ocorreu na EN 389, ao quilómetro 30, na União de Freguesias de Garvão e Santa Luzia. Contactada pela "Lusa", uma fonte do Comando Territorial de Beja da GNR precisou que a vítima mortal era o único passageiro do automóvel acidentado. As operações de socorro mobilizaram 21 operacionais, entre bombeiros, elementos do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) e militares da GNR, apoiados por nove veículos, incluindo a viatura médica de emergência e reanimação (VMER) de Beja e uma ambulância de Suporte Básica de Vida (SIV) também de Beja. O trânsito na EN389, que foi cortado após o acidente, foi retomado cerca de uma hora e quarenta minutos depois.

ATUAL

24 de julho de 1980. É esta a data de constituição da Somincor – Sociedade Mineira de Neves-Corvo S.A, que assinalou, há pouco mais de um mês, 44 anos de existência. É uma das maiores empresas nacionais, no que diz respeito à exportação e ao contributo para o Produto Interno Bruto (PIB) do País. Uma cidade à superfície, mas também no subsolo, junto às duas aldeias, do concelho de Castro Verde, que lhe dão nome: Neves da Graça e A-do-Corvo.

"Maior contribuinte para o PIB [Produto Interno Bruto] do Baixo Alentejo; representamos cerca de oito por cento do PIB da região do Alentejo; somos responsáveis por cerca de 10 por cento das exportações do Alentejo e de 40 por cento do Baixo Alentejo; contribuímos diretamente para o rendimento de cerca de nove por cento das famílias da nossa área de influência (Almodôvar, Aljustrel, Castro Verde, Mértola e Ourique); entre emprego direto, indireto e induzido geramos cerca de 5000 postos de trabalho". É através destes indicadores que o administrador delegado da Somincor, António Salvador, sublinha que a empresa é "o grande motor económico e social desta região". Criada há 44 anos, data cumprida há cerca de um mês, o impacto que tem e o papel que a mina de Neves-Corvo representa para a região mais a sul do distrito de Beja está também em foco, por estes dias, a propósito do Festival Castro Mineiro, que se realiza em Castro Verde (*ver página 10*).

No entanto, a mina de Neves-Corvo tem sido objeto de atenção mediática nas últimas semanas devido às notícias trazidas a público pelo jornal económico *on line* "Eco", dando conta que a empresa-mãe da Somincor, a canadiana Lundin Mining, teria colocado a mina à venda, Em meados deste mês de agosto, o mesmo jornal económico noticiou que "estrangeiros dominam corrida à Somincor", tendo sido já escolhidos "os candidatos para a apresentação de propostas firmes". Ao "Diário do Alentejo" ("DA"), sobre a possibilidade da Lundin Mining vender a Somincor, estando já numa segunda fase com uma *short-list* de interessados, e quais as razões para isso acontecer, António Salvador não comenta, adiantando que "não parece haver qualquer razão para que se gere alarme social" sobre uma possível venda, nomeadamente, em termos de exploração futura e perda de postos de trabalho.

Com 44 anos, a Somincor vive num equilíbrio entre a exploração mineira, o desenvolvimento da região e as necessidades das populações

neves-corvo

TEXTO MARCO MONTEIRO CÂNDIDO FOTOS RICARDO ZAMBUJO

Pelo mesmo diapasão alinha o presidente da Câmara Municipal de Castro Verde, António José Brito, autarca do concelho onde está sediada a mina de Neves-Corvo. "A Lunding Mining é uma grande empresa internacional do setor mineiro e a Somincor é um ativo apetecível em termos de mercado global que é gerido segundo os interesses do grupo proprietário". E acrescenta: "É legítimo que a empresa, tendo um ativo tão importante e valioso, o possa rentabilizar e entendemos isso como um ato de gestão normal no seio de um grande grupo económico".

Para António José Brito, apesar de a autarquia ter "pouca informação sobre o negócio", a convicção é de que o mesmo decorra "com toda a transparência e em sintonia com os trabalhadores e a comunidade". "A ideia de diabolizar a venda de uma empresa é de outro tempo. Não faz sentido andar à procura de fantasmas onde eles não existem". Até porque, segundo o autarca, têm sido feitos "investimentos relevantes", recentemente, por parte da empresa e "tudo leva a crer que o processo decorrerá dentro da maior normalidade", continuando o seu concelho a ter "uma empresa muito sólida, geradora de emprego e de riqueza". E remata: "A venda de empresas acontece todos os dias em todo o lado. É o mercado a funcionar".

No final da semana passada, a propósito deste assunto, o ministro da Economia, Pedro Reis, em resposta a uma pergunta colocada pelo deputado António Filipe, do PCP – em que apontava à "defesa do interesse nacional", os "interesses dos trabalhadores" e os lucros marginais em território português (em que a Somincor paga "impostos relativamente modestos", em contraponto a "um ganho de centenas de milhões de euros" que não será "tributado em Portugal") face ao processo de venda –, sublinhou que a Somincor "é uma empresa privada, de gestão igualmente privada", finalizando: "Consciente da relevância social e económica da Somincor para os trabalhadores, para a região e para o país, o Governo exercerá as suas competências na garantia de pleno respeito das normas legais e laborais em vigor".

A OPERAÇÃO DA EMPRESA Ao longo dos 44 anos de operação da Somincor, que é, segundo o administrador delegado da empresa, "uma referência na produção de cobre, zinco e chumbo", esta tem afirmado "uma atividade fundamental para a região e importante para o País". António Salvador recorda que muito mudou na atuação da empresa, nomeadamente, "o decréscimo dos teores de minério", o que tem obrigado a um incremento de "produtividade e a controlar de custos". Nesse sentido, sublinha ao "DA", têm vindo a inovar a sua operação, "com a introdução de tecnologia" que permite adequá-la "cada vez mais" aos desafios de operarem em "maiores profundidades numa mina que tem cerca de 200 quilómetros de galerias".

Dos investimentos realizados ao longo dos anos, António Salvador destaca o "Projeto de Expansão do Zinco", concluído em 2022, e a "Instalação de Resíduos do Cerro do Lobo", duas "obras fundamentais para a competitividade e sustentabilidade" da operação da Somincor, "uma das maiores produtoras europeias de cobre e zinco", que está "entre as 100 maiores empresas portuguesas e [que] é uma das principais exportadoras nacionais".

Sobre a longevidade da mina de Neves-Corvo, que está no coração da Faixa Piritosa Ibérica (que se estende desde a zona de Alcácer do Sal até Sevilha, em Espanha, ao longo de cerca de 300 quilómetros), "o horizonte de vida", no que diz respeito à extração, "é de 2032". "Este horizonte pode ser alterado e estendido por mais alguns anos se se concretizarem alguns investimentos na exploração de novos jazigos já identificados", afirma António Salvador. "Neste momento, exploramos cinco jazigos – Corvo, Graça, Lombador, Neves e Zambujal – e temos dois jazigos que estão por explorar – Monte Branco e Semblana".

O IMPACTO NA REGIÃO Sediada no concelho de Castro Verde, junto às aldeias de Neves da Graça e A-do-Corvo, a Somincor tem cerca de 1300 trabalhadores, contando, diariamente, com "outros tantos que são trabalhadores de empreiteiros". Com um grande impacto no País, mas, sobretudo, no meio onde se insere, António Salvador estima que "cerca 85 por cento do total dos trabalhadores" sejam oriundos da região. "Em termos de género, somos uma empresa com uma percentagem larga de homens, mas nos últimos anos o número de mulheres na Somincor tem vindo a aumentar, estimando-se que representem cerca 14/15 por cento".

E é na região, com especial destaque para os concelhos de Almodôvar, Aljustrel, Castro Verde, Mértola e Ourique, que se tem feito sentir a responsabilidade social da empresa, com especial enfoque, nos últimos cinco anos, nas áreas da educação e do empreendedorismo, refere o administrador delegado. "Nestas duas áreas já impactámos mais de 1500 jovens através de programas que implementamos com alguns parceiros, como a Junior Achievement Portugal e a ADPM [Associação de Defesa do Património de Mértola]. Para além deste investimento, olhamos muito para as comunidades que nos estão mais próximas, nas quais investimos mais de 1,5 milhões de euros nos últimos anos".

NEVES DA GRAÇA E A-DO-CORVO Foquemo-nos, agora, nas aldeias que dão o nome à mina, Neves da Graça e A-do-Corvo, e que vivem paredes meias com a extração mineira, para o bem e para o mal. António Veiga, de 63 anos (*na foto, a olhar para o complexo mineiro*), vive nas Neves da Graça há 38 anos e, como muitos dos que residem na região, trabalhou na mina, como ajudante de eletricista. Se, ao "DA", refere, em fim de conversa, que a mina é positiva para a aldeia onde vive, considera que muito mais poderia ser feito. "Acho que a mina devia fazer mais pela região, investir mais noutras áreas para haver sempre trabalho quando isto acabar. Isto um dia acaba. Trouxe muitas coisas boas para as pessoas que trabalham na mina, a evolução de Castro Verde... agora, para os povos aqui, trouxe pouco". Entre as principais razões de queixa de António Veiga estão questões como "o pó que mandam para o ar", a "poluição sonora" – que motivou uma queixa da sua parte ao Ministério do Ambiente – ou a possibilidade de abate de "azinheiras que já estão todas marcadas" para "meter painéis solares" junto à aldeia. Outra das questões que o antigo ajudante de eletricista aponta são os disparos, as rebentações na prospeção de minério, o que acontece duas vezes por dia, todos os dias, por volta das sete da manhã e das sete da tarde. "Às vezes abusam. Há quem diga que o minério é mau de sair (…) e depois tem ser mais forte". E com isso vêm as marcas em casa, com rachadelas constantes, fruto do impacto das explosões, afirma António Veiga. "Não vale a pena reclamar".

Do lado oposto das Neves da Graça, com a mina pelo meio, fica a A-do-Corvo, a outra aldeia desta parelha. São 09:30 horas, mas o largo da rua de Baixo, em contraste com o da Igreja, fervilha por essa hora, à dimensão da pequeno povoado. São nove as pessoas que se juntam por ali, antes que o calor aperte. Ilda Constantino, de 59 anos (*na foto*), é uma delas. Mãe e esposa de mineiro e de antigo mineiro, respetivamente, na mina que está paredes-meias, há cerca de 20 anos que está na aldeia que a viu nascer, depois de ter estado emigrada na Suíça. "Poluição, cheiros – quando disparam aquilo que a gente chama barrenos [tiros de mina ou pedreira], é um cheiro enxofre e a gente apanha com aquele cheiro todo porque estamos dentro da mina. E as poeiras, as rebentações, é igual. E, além disso, a maioria das pessoas tem as casas tudo estragado, rachadas, com os rebentamentos, que são muito fortes". Esta é a descrição de Ilda Constantino de como é viver junto a uma mina. No entanto, reconhece, por outro lado, os benefícios que a exploração mineira trouxe. "Como digo uma coisa, também digo outra: trouxe muitos benefícios, muitos postos de trabalho. A mina deu uma grande vida aqui ao Alentejo. Mal de nós se ela acabar. Mas, como estamos dentro da mina, devíamos ser o povo mais beneficiado".

Sentado ao lado de Ilda Constantino está Ernesto Faustino, de 85 anos, que recorda bem os tempos em A-do-Corvo, antes de haver mina, na sua mocidade. "Agora é que já se parece com qualquer coisa, nesse tempo não havia nada". Sobre o que a mina trouxe de bom, a palavra "trabalho" surge-lhe facilmente no discurso. Apesar de nunca ter sido mineiro, ainda trabalhou em empresas de construção civil quando a mina começou a ser erguida, à superfície e no subsolo. "É pena é termos barrenos que quase levantam as vigas no ar. E termos tudo partido. Ainda esta manhã foi um que quase parecia que me levantava, parecia um tremor de terra". Ilda Constantino corrobora: "Só que nós já estamos tão habituados aos barrenos, nem que venha um tremor de terra, a gente já não se apercebe". Curiosamente, nessa manhã, houve mesmo um sismo, sentido, principalmente, na zona sul de Portugal. Em A-do-Corvo pensou-se, porventura, que seria mais um rebentamento na mina.

António José Brito, presidente da Câmara Municipal de Castro Verde, é o mandatário de Nelson Brito às **eleições da Federação do Partido Socialista (PS) do Baixo Alentejo**, que terão lugar no próximo dia 27 de setembro. O autarca, sublinhando que o PS é "a força capaz de liderar" um caminho "de esperança e prosperidade na região", considera que esse é um trajeto que "exige reivindicação e a noção concreta e pragmática das inúmeras debilidades do nosso território". Recorde-se que Telma Guerreiro, que foi vereadora na Câmara Municipal de Odemira e deputada à Assembleia da República, em 2019, na XIV Legislatura, pelo círculo eleitoral de Beja, concorre também, no ato eleitoral, à presidência da federação socialista.

Hospital de Serpa vai apoiar unidades de saúde do Alentejo Central e Litoral

Novo contrato está a ser renegociado. Bloco cirúrgico começa a funcionar em outubro

A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e a tutela estão, neste momento, a negociar a renovação do acordo de gestão do Hospital de São Paulo, em Serpa, que, para além de prever a prestação de serviços às áreas de influência das unidades de saúde do Baixo Alentejo e Algarve, deverá também complementar a atividade das unidades de saúde do Alentejo Central e Litoral. O "Diário do Alentejo" confirmou esta semana que a unidade médico-cirúrgica (UMC) deverá começar a funcionar no início do mês de outubro.

TEXTO ANÍBAL FERNANDES FOTO RICARDO ZAMBUJO

O acordo assinado em 2014 entre a Santa Casa da Misericórdia de Serpa (SCMS) e o Governo que passou a gestão do Hospital de São Paulo, em Serpa, terminava no final deste ano, mas como até junho passado nenhuma das partes o denunciou, avançou, automaticamente, para a renovação.

É o que a UMP – que entretanto assumiu a gestão daquela infraestrutura de saúde – está, neste momento, a fazer com a tutela, mas o acordo deverá ser estendido aos distritos de Évora e aos concelhos alentejanos do litoral.

José Rabaça, presidente indigitado do conselho de administração do hospital, disse ao "Diário do Alentejo" ("DA") que "este Governo, tal como o anterior, concorda com que seja a SCMS [com recurso à UMP] a gerir o equipamento", e que das conversas tidas até agora resultou que, "para além da unidade de convalescença e de paliativos, também as unidades de cuidados continuados de média e longa duração passem a ser geridas pela administração do hospital".

Este é um processo complexo uma vez que "cada uma das unidades locais de saúde têm necessidades diferentes, nomeadamente, no que diz respeito às especialidades a apoiar", mas isso não será impeditivo que a UMC entre em funcionamento já em outubro para cumprir o acordo ainda em vigor. "O Ministério da Saúde quer que abramos o mais rápido possível e durante o mês de outubro estaremos em condições de avançar", garantiu esta semana, ao "DA", José Rabaça.

No entanto, o futuro presidente do Conselho de Administração do Hospital de São Paulo, considera que sendo "uma unidade complementar do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e nele integrado", para ser viável", precisa de estender o seu serviço às outras duas regiões já citadas.

O futuro desempenho da UMC do Hospital de São Paulo "terá muito a ver com a necessidade de apoio às especialidades de cada um dos outros hospitais. É tudo isto que será contratualizado com o Estado, quer nas cirurgias, quer nas consultas externas", explica.

"Pela nossa parte, da UMP, só temos dois objetivos: ajudar a nossa associada [SCMS] e prestar apoio às populações. Levamos isto muito a sério", diz José Rabaça, dando como exemplo a reabertura das urgências entre as 8:00 e as 24:00 horas", esclarecendo que não fazia sentido funcionarem no período noturno para atender, em média, uma pessoa. "O Estado paga-nos por consulta, mas nós pagamos à equipa presente – médico, enfermeiro e administrativo – à hora".

Na passada segunda-feira, dia 26, na reunião do secretariado nacional da UMP, foi definido o perfil do futuro administrador executivo e apontado o nome do responsável pela área clínica, que será Humberto Carneiro, até agora presidente do conselho de administração do Hospital António Lopes, na Póvoa de Lanhoso.

Recorde-se que desde 16 de janeiro deste ano que a UMP assumiu a gestão do hospital de Serpa, então da responsabilidade da SCMS, tendo reaberto o serviço de atendimento permanente (SAP), encerrado a 30 de setembro de 2023 devido à "grave situação económica" da instituição, que não permitiu "garantir disponibilidade de médicos".

No âmbito das comemorações dos 10 anos de classificação do cante alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade, pela Unesco, **11 grupos corais do concelho de Serpa vão atuar, em novembro, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa**. O espetáculo, que conta com a participação da Banda da Sociedade Filarmónica de Serpa e de músicos convidados, promete ser, de acordo com a empresa promotora, "uma viagem inesquecível pelas melodias e harmonias que há séculos ecoam nas planícies do Alentejo".

	MÁXIMA	MÍNIMA	CHUVA
ALJUSTREL	40,4ºC	12,9ºC	3,6mm
ALMODÔVAR	40,8ºC	11,3ºC	0,3mm
ALVITO	41,1ºC	11,3ºC	9,9mm
BARRANCOS	40,9ºC	11,5ºC	0,0mm
BEJA	41,3ºC	12,1ºC	7,8mm
CASTRO VERDE	41,0ºC	11,3ºC	4,3mm
CUBA	40,9ºC	10,4ºC	1,5mm
FERREIRA DO ALENTEJO	40,3ºC	11,7ºC	9,9mm
MÉRTOLA	44,8ºC	12,8ºC	1,5mm
MOURA	42,8ºC	13,6ºC	0,3mm
OURIQUE	40,7ºC	11,2ºC	4,0mm
SERPA	42,4ºC	12,4ºC	0,8mm
VIDIGUEIRA	41,9ºC	12,3ºC	4,6mm

CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS DO MÊS DE JULHO

Mês de julho quente e seco, sendo especialmente quente na segunda quinzena com as temperaturas praticamente sempre acima dos 35°C. No final do mês, fruto do calor, houve ocorrência de trovoadas, mas com acumulados de precipitação pouco significativos.

JOSÉ SERRANO/ARQUIVO

Palavras Andarilhas: os contos invadem Beja

Dezenas de atividades para toda a família

Começa hoje, 30 de agosto, e termina no próximo domingo, dia 1 de setembro, em Beja, a 17.ª edição das Palavras Andarilhas. Esta celebração da palavra e dos guardadores e divulgadores da tradição oral é organizada desde 1999, tendo passado a bienal em 2002. É um "evento diferenciador e o maior do género que se realiza no Sul do País", diz Paulo Arsénio.

TEXTO **ANÍBAL FERNANDES**

De dois em dois anos, Beja é invadida pelas histórias e os seus contadores. Trata-se das Palavras Andarilhas, um festival organizado pela Biblioteca Municipal de Beja José Saramago, em colaboração com várias associações, que transforma o Jardim Público na cidade dos contos.

Mas nem só da palavra contada vive o certame que se destina a públicos de várias idades: conferências, espectáculos, visitas guiadas, mercado livreiro e "mercadilho", são algumas das actividades disponíveis e de acesso gratuito.

Para o presidente da Câmara Municipal de Beja, este evento é "diferenciador e único no Sul do País" e já está "enraizado na tradição bejense". "Esta iniciativa mobiliza, durante três dias, um enorme número de pessoas e associações e contribui para – neste tempo em que as redes sociais têm um enorme peso – não deixar morrer e recuperar a forma tradicional de passar os contos de geração em geração".

Ontem, o evento deu o pontapé de saída com a inauguração de duas exposições. "Jardim Forbel – abro um livro antigo", de Sofia Paulino, está patente na biblioteca municipal, cujo "título está ligado ao antigo nome do Jardim Público de Beja, enquanto o subtítulo nos faz viajar até ao tempo antigo das lendas e histórias, contadas à lareira, da nossa infância"; e "A seguir veio a chuva bretã…", no centro Unesco, do ilustrador Alain Corbel que explica que quando tem "oportunidade de ilustrar um texto, ou uma capa, ou simplesmente quando desenho lá fora, estou sempre à procura de paisagens. Não importa se são reais ou não. O ideal é que agradem aos olhos e convidem o visitante", para um "bom passeio".

Hoje, às 10:00 horas, o programa começa com uma visita guiada pela mão e conhecimento de Dinis Cortes, à "Avifauna e ecossistemas urbanos", no Jardim Público. Uma hora depois, no coreto, Ana Griott (Espanha), António Mota e José Craveiro (Portugal) falarão sobre "a importância da natureza nos contos". Ainda hoje, às 17:30 horas, na biblioteca municipal, será inaugurada uma exposição que celebra os 45 anos de obra literária de Alice Vieira. No entanto, o programa é vasto e pode ser consultado, na íntegra, em *palavrasandarilhas.pt/programa/*.

OFICINAS Paralelamente às várias iniciativas de acesso livre, as Palavras Andarilhas apresentam um conjunto de oficinas "para os interessados nas questões da mediação de leitura e da escrita, na dinamização de histórias e da leitura em voz alta e na utilização dos contos para mediar a leitura". Estas sessões necessitam de inscrição na bilheteira *on line* e têm um custo associado que vai de 25 a 45 euros de acordo com o número de sessões em que se pretenda participar.

Os monitores que irão dinamizar as oficinas são Alain Corbel, Cláudia Fonseca, Margarida Botelho. Marina Palácio, Pep Bruno, Vítor Encarnação, Isabel Fernandes Pinto, Paula Cusati, Ana Sofia Paiva, Pep Duran, Adriana Ciccaglione, Ana Griott, Ângela Ribeiro e Benita Prieto.

A ilustradora bejense, Susa Monteiro, responsável pela linha gráfica do Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja e da Bedeteca de Beja, cujo trabalho pode ser visto regularmente em exposições e na imprensa nacional, criadora, em 2023, da moeda comemorativa para a coleção "Criaturas Mitológicas" da Imprensa Nacional Casa da Moeda, é a autora da intervenção do mural inscrito na concha acústica dos Jardins do Palácio de Cristal, no Porto. A intervenção, no âmbito da feira do livro da "cidade invicta", é uma interpretação da autora do poema "À boca do Poço", de Eugénio de Andrade.

Captação para abastecer Algarve com declaração favorável condicionada

Declaração de impacto ambiental prevê "cumprimento de um conjunto de condições"

A Agência Portuguesa do Ambiente emitiu na passada segunda-feira, 26, uma declaração de impacto ambiental favorável à captação de água do rio Guadiana para abastecimento do Algarve, embora "condicionada ao cumprimento de um conjunto de condições".

RICARDO ZAMBUJO

Em comunicado, a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) adiantou que o parecer técnico da comissão de avaliação reunida para o efeito foi elaborado após um período de consulta pública de 30 dias para o estudo prévio de um projeto destinado à captação de água no Pomarão, aldeia do concelho de Mértola.

Integrado no Plano Regional de Eficiência Hídrica do Algarve e orçamentado em cerca de 61,5 milhões de euros, com financiamento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), o projeto contempla a construção de uma conduta enterrada, de cerca de 40 quilómetros, até a água ser restituída à albufeira de Odeleite, no concelho de Castro Marim, distrito de Faro.

A APA alega que a iniciativa visa assegurar "um regime de caudais ecológicos eficaz" e aumentar a capacidade disponível da albufeira em causa, numa articulação entre Portugal e Espanha, e refere que o licenciamento e a concretização do projeto apenas poderão ocorrer "após emissão da decisão de conformidade ambiental do projeto de execução".

A Ministra do Ambiente e Energia, Maria da Graça Carvalho, informou, a 6 de agosto, que Portugal e Espanha vão assinar um acordo final quanto à captação de água no Pomarão, na fronteira luso-espanhola, no dia 26 de setembro, em Madrid.

Em 9 de julho, a Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo (Cimbal), aprovou uma tomada de posição contra a captação de água e exigiu que o projeto sirva também a população local, solidarizando-se com as pretensões da população daquele território, bem como com as reivindicações da Câmara Municipal de Mértola, como o "Diário do Alentejo" noticiou em edições passadas.

A Cimbal referiu, então, que o concelho de Mértola é "um dos territórios mais suscetíveis à desertificação" e debate-se "com escassez de água e elevado *stress* hídrico, agravados por períodos de seca mais prolongados". As associações ambientalistas Zero e Plataforma Água Sustentável (PAS) também criticaram o projeto.

No âmbito da iniciativa de captação de água, o Ministério do Ambiente e Energia solicitou, no final de julho, à APA um plano para garantir o abastecimento público regular de água potável à freguesia do Espírito Santo, onde se encontra a localidade de Pomarão, fruto, também, das reuniões mantidas entre a Câmara Municipal de Mértola, o ministério e a APA. "LUSA" COM "DA"

CM CASTRO VERDE

Castro Mineiro celebra identidade local

Música, visita guiada à mina de Neves-Corvo, conferência, artesanato e gastronomia animam fim de semana

Entre hoje, sexta-feira, dia 30, e 1 de setembro, domingo, a cultura e identidade local serão o mote para mais uma edição do Festival Castro Mineiro. Para além dos concertos, das exposições e da visita à mina de Neves-Corvo, este ano será lançado um livro de contos dedicado ao tema mineiro.

TEXTO **ANÍBAL FERNANDES**

"Este é um evento que está a fazer o seu caminho e que, temos a expectativa, será melhor que o anterior". É desta forma que António José Brito se refere à terceira edição do Festival Castro Mineiro que, de hoje até domingo, terá o seu epicentro no Parque da Liberdade, na sede do concelho, mas que terá palcos descentralizados. "O festival está em fase de crescimento e vai buscar a sua inspiração à identidade e cultura mineira", diz o presidente da Câmara Municipal de Castro Verde.

No programa musical destaca-se, para hoje, a atuação de Bárbara Bandeira; Maninho, amanhã, sábado; e, a fechar, no domingo, Buba Espinho. No entanto, o programa musical não se fica por aqui havendo ainda a assinalar espectáculos de cante alentejano. Entre conferências, provas de vinho, tasquinhas, animação infantil e artesanato, haverá ainda uma visita guiada à mina de Neves-Corvo, amanhã, onde se poderá apreciar as grandes máquinas utilizadas nas minas e confirmar o avanço tecnológico que este setor tem conhecido.

"O Festival Castro Mineiro nasceu para divulgar e elevar a cultura e a identidade mineiras que têm vindo a ser construídas, ao longo das últimas quatro décadas, no nosso território, onde está localizado um dos mais importantes empreendimentos mineiros da Europa, o sexto maior produtor de cobre e o maior produtor de zinco, numa operação empresarial que tem transformado a realidade socioeconómica do concelho e do Campo Branco, tornando esta região fortemente ligada à atividade mineira", explica o município, em comunicado. Fruto dessa importância, hoje, pelas 16:00 horas, no Fórum Municipal de Castro Verde, terá lugar a conferência "Neves-Corvo: Que impacto no território", que contará com os contributos de Maria João Esteves (Somincor), Pedro Herrera (Drillcon Iberia), Raúl Pinto Rodrigues (EPOS), Sara Saturnino (Junta de Freguesia de São Marcos da Ataboeira) e Hugo Domingos (Sociedade Recreativa e Desportiva Entradense). "Compreender o valor e o impacto que a atividade mineira teve, e continua a ter, no desenvolvimento do território onde se insere, bem como identificar os desafios do futuro daquela que é a principal entidade empregadora da região", serão alguns dos temas em debate. Logo de seguida, às 18:00 horas, a secretária de Estado da Energia, Maria João Pereira, presidirá à abertura oficial do evento, contando também com a atuação do Grupo Coral "Os Cardadores" da Sete.

Neste ano, a novidade será a apresentação do livro "Minas", editado pelo Município de Castro Verde e a Assesta – Associação de Escritores do Alentejo, amanhã, pelas 19:00 horas, no Parque da Liberdade, que resulta do trabalho de duas dezenas de escritores e ilustradores, num total de 12 contos. Ana Fafe, Dora Gago, E. S. Tagino, Isabel Paula, José Teles Lacerda, Liliana Rodrigues, Luís Miguel Ricardo, Manuel Camacho, Maria Ana Ameixa, Mercedes Guerreiro, Napoleão Mira e Vítor Encarnação são os autores das histórias."Sendo as minas o motor económico da região e um fator determinante para a fixação das populações, 'estava na hora dos que garimpam nas palavras lhe dedicarem o seu verbo'", refere a câmara municipal.

O Festival Castro Mineiro é organizado pela Câmara Municipal de Castro Verde, em parceria com a Somincor – Sociedade Mineira de Neves-Corvo, e conta com o apoio à divulgação da "Antena 1". A entrada é livre e o acesso ao parque de campismo e às piscinas municipais está garantido.

IPBEJA

Decorre, até dia 15 de setembro, a 2.ª fase de candidaturas ao concurso especial de acesso e ingresso aos Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTeSP) no ano letivo de 2024/2025, do Instituto Politécnico de Beja (IPBeja). São os seguintes cursos com vagas a preencher, em Beja: Agropecuária Mediterrânica, Análises Laboratoriais, Apoio em Cuidados Continuados Integrados, Culturas Regadas, Gestão de Organizações Sociais, Psicogerontologia, Redes e Sistemas Informáticos, Som e Imagem, Tecnologias Web e Dispositivos Móveis e Serviços Jurídicos. Em Odemira estão abertas as candidaturas aos cursos de Comércio Internacional, Desporto, Lazer e Bem-Estar e Informação e Comercialização Turística, em Almodôvar para o curso Tecnologias Agroambientais e Sustentabilidade e em Ourique para o curso de Tecnologias para a Gestão da Qualidade e Segurança. De acordo com o IPBeja, podem candidatar-se aos CTeSP os titulares de um curso de ensino secundário ou de habilitação legalmente equivalente ou os alunos que tenham sido aprovados nas provas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos. Podem ainda candidatar-se os titulares de um diploma de especialização tecnológica ou de um diploma de técnico superior profissional, assim como os titulares de um grau de ensino superior.

PSD

Andreia Guerreiro anunciou a sua candidatura à liderança da Distrital do Partido Social Democrata (PSD) de Beja, nas eleições internas marcadas para o próximo dia 6 de setembro. A candidata, de 45 anos, natural de Almodôvar, é licenciada em Turismo, técnica no Gabinete de Promoção e Divulgação Turística da Câmara Municipal de Almodôvar, eleita na assembleia municipal deste concelho e secretária na comissão política da Distrital de Beja do PSD. No mesmo dia, 6 de setembro, decorrerão, também, as eleições para Concelhia de Beja do PSD, às quais Nuno Palma Ferro, eleito, em 2021, vereador da Câmara Municipal de Beja, pela coligação Beja Consegue, é candidato.

Feira de Vale do Poço, de 13 a 15 de setembro

Nos dias 13, 14 e 15 de setembro, a localidade de Vale do Poço, que se divide pelos concelhos de Serpa e de Mértola, recebe a 20.ª edição da Feira Agropecuária Transfronteiriça. A iniciativa, que neste ano é organizada pelo município de Serpa, com o apoio da Câmara Municipal de Mértola, União das Freguesias de Serpa, Junta de Freguesia de Santana de Cambas (Mértola), Ayuntamiento de Paymogo, entre outras entidades, pretende "valorizar a natureza, cultura, património, gastronomia, história e tradições ligadas à serra de Serpa e Mértola e será uma montra diversificada de produtos locais – queijos, mel, doces, pão, enchidos, artesanato e tasquinhas com gastronomia variada". Do programa destaca-se, dia 14 de setembro, sábado, o Congresso de Pastagens e Pastores, no âmbito da produção do Queijo Serpa DOP. No encontro serão abordados, entre outros, problemas relacionados com a escassez de água, e apresentadas "alternativas sustentáveis que contribuem para aumentar a disponibilidade de água e a melhoria da produtividade do setor agropecuário, em particular na produção do Queijo Serpa DOP". A iniciativa, cuja organização conta com diversos parceiros, vai também assinalar o Dia Ecológico Europeu e "alertar para a necessidade do uso eficiente de água".

Feira da Caça, em Mértola, com inscrições abertas

A XV Feira da Caça vai decorrer em Mértola, de 25 a 27 de outubro, e as inscrições para expositores decorrem até 25 de setembro, revelou a câmara municipal. O certame, promovido pelo município, vai decorrer no Pavilhão Multiusos Expo Mértola. A iniciativa, de acordo com a autarquia, pretende "promover os recursos cinegéticos e turísticos existentes no concelho de Mértola, assim como divulgar e desenvolver atividades culturais, gastronómicas e económicas".

D.R.

Sismo fez-se sentir no distrito de Beja

Com epicentro a oeste de Sines, abalo não causou danos

Com uma magnitude de 5,3 na escala de Richter, o sismo, com epicentro a oeste de Sines, fez-se sentir em várias regiões do País, a exemplo do distrito de Beja. O abalo, que de acordo com o IPMA foi, em termos de magnitude, o décimo maior ocorrido em Portugal desde o século XVI, não causou danos pessoais ou materiais.

TEXTO **JOSÉ SERRANO***

O sismo que ocorreu em Portugal, na madrugada da passada segunda-feira, dia 26, registado às 05:11 horas, teve o seu epicentro a cerca de 60 quilómetros a oeste de Sines, tendo registado as estações da rede sísmica do continente uma magnitude de 5,3 na escala de Richter. O abalo, que de acordo com a informação disponível, não causou danos pessoais ou materiais, fez-se sentir em várias regiões do País, a exemplo do distrito de Beja, registando, contudo, intensidade máxima na região de Sines, seguindo-se Setúbal e Lisboa. De acordo com o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), trata-se do décimo maior sismo ocorrido em Portugal desde o século XVI, em termos de magnitude.

Curiosamente, também no dia 26 de agosto de 1966, há 58 anos, a terra tremeu no continente, fazendo-se sentir o abalo, especialmente, na faixa costeira entre Porto e Sagres. O "Diário do Alentejo", nesse dia, noticiava assim o ocorrido: "Hoje, pelas 06:55 horas, registou-se em Portugal um abalo sísmico de escassa duração e pouca intensidade, à escala de 3/4, mas que em Santiago de Cacém atingiu a escala 5. Em Beja, apesar da hora matutina, o fenómeno foi sentido por muitas pessoas, chegando a registarem-se algumas cenas de pânico mas sem quaisquer consequências a lamentar".

O sismo desta segunda-feira fez recordar, ainda, a muitos, o tremor de terra ocorrido a 28 de fevereiro de 1969, com uma magnitude de 7,3 na escala de Richter, que atingiu o Sul do País e a região de Lisboa, "sendo o último grande sismo a ocorrer em Portugal Continental, e o mais importante do século XX, tendo em atenção a conjugação entre a magnitude e efeitos macrossísmicos", segundo documento do IPMA. Com o epicentro localizado a 230 quilómetros a sudoeste de Lisboa, o abalo, que "provocou alarme e pânico entre a população, cortes na telecomunicações e no fornecimento de energia elétrica", fez-se sentir violentamente na capital e na região do Algarve, onde "cerca de 400 casas foram derrubadas ou arruinadas", tendo-se registado em Portugal Continental 13 vítimas mortais.

O "DA", noticiava assim o tremor de terra, de há 55 anos, em Beja: "De um momento para outro, a cidade apesentava um aspeto de alarme, com as ruas e os largos cheios de uma gente intranquila, ainda não refeita do susto sofrido, e sem conhecer as consequências deste acentuado e duradoiro abalo sísmico. Aos serviços do hospital foram conduzidas várias pessoas, em estado de grande emoção, e os médicos locais tiveram também que atender muitas chamadas para doentes afectados por crises nervosas. Entretanto, os bombeiros voluntários logo começaram a percorrer a cidade (com carros equipado de rádio-telefone), para averiguar os efeitos produzidos pelo abalo, não tardando a concluir que não tinham caracter desastroso. Não havia vítimas pessoais e apenas em alguns prédios se notavam fendas e vidros quebrados". Na edição do dia seguinte, 1 de março de 1969, o "DA", informava que continuava a "receber notícias das cenas de pânico e dos momentos de grande sobressalto vividos pelas populações sul-alentejanas", como consequência do sismo, dando conta da "queda de paredes, partes de telhado, beirais e chaminés", em várias localidades do concelho. * COM "LUSA"

ABRIL

50 ANOS

Educação para todos

"Atingir um curso superior e concluí-lo, é ainda ambição impossível de concretizar para os estudantes pobres do nosso País". É assim que a "Nota do Dia" da edição do "Diário do Alentejo" de 26 de agosto de 1974 traça o retrato do estado da educação em Portugal, há 50 anos.

E continuava: "A verdade é que, concluído o curso complementar do ensino liceal ou médio, os nossos estudantes que pretendam ingressar no escalão universitário vêem-se impedidos de tal se os seus pais não dispuserem de suficientes recursos económicos, o que acontece na esmagadora maioria" dos casos.

Nem de propósito: a meio de agosto deste ano (14/08/2024), foi divulgado um estudo realizado pelo ISCTE que revelava que frequentar o ensino superior nos nossos dias, em Portugal, custa, em média, 900 euros por mês, verba que, tendo em conta os salários em Portugal, pode deixar muita gente de fora.

No entanto, os números do Pordata, cinco décadas depois, mostram que a realidade é substancialmente diferente do que era na altura do 25 de Abril.

Senão, vejamos: em 1978, cerca de 81 mil estudantes frequentavam o ensino superior e politécnico, em 2023, foram contabilizados mais de 445 mil, dos quais 81 por cento frequentam escolas públicas e apenas 19 por cento o privado; há 50 anos, apenas cinco por cento da população tinha frequentado o ensino secundário, enquanto em 2023 essa percentagem subiu para 88; e até no pré-escolar passou-se de uma taxa de cobertura de oito por cento para 93 por cento.

Escrevia na altura o articulista do "DA": "Perdem-se assim talentos, vocações que, devidamente estimuladas e aproveitadas, como deveria sempre acontecer, serviriam grandemente a cultura e o desenvolvimento científico do País. Da democratização do ensino nacional nos seus vários sectores, só há pouco começou a falar-se, a ser apontada e a reconhecer-se não só como uma necessidade como, também, uma justiça que se deve aos jovens portugueses, principalmente àqueles que possuem verdadeiras qualidades de inteligência e de trabalho. (…) Esperemos que se entre agora numa ampla e operante acção que conduza a esses salutares objectivos", concluía o autor do texto.

E, já agora, digo eu, que, nos dias de hoje, acabados os estudos superiores, os nossos jovens não tenham de procurar no estrangeiro um trabalho que lhes proporcione uma vida digna.

"A meio de agosto deste ano (14/08/2024), foi divulgado um estudo realizado pelo ISCTE que revelava que frequentar o ensino superior nos nossos dias, em Portugal, custa, em média, 900 euros por mês, verba que, tendo em conta os salários em Portugal, pode deixar muita gente de fora. No entanto, os números do Pordata, cinco décadas depois, mostram que a realidade é substancialmente diferente do que era na altura do 25 de Abril".

Diário do Alentejo

Jornal regionalista independente

ANO XLIII — N.º 12 869 | Director: MELO GARRIDO | Quarta-feira, 28 de Agosto de 1974

LOUVOR QUE SÓ AGORA PODEMOS DIVULGAR...

EMIGRAÇÃO: A SANGRIA NÃO ABRANDOU EM 1973

Segundo dados relativos a 1973, incluídos no 45.º volume das «Estatísticas Demográficas», recentemente editado pelo Instituto Nacional de Estatística, 79 517 portugueses emigraram legalmente durante o ano passado. A Alemanha Ocidental foi o principal destino da emigração legal, recebendo, segundo os números provisórios do I. N. E., 31 479 emigrantes portugueses.

RURAIS DE ÉVORA PEDEM SANEAMENTO DO DELEGADO DO I.N.T.P.

ALENTEJO (EMIGRADO) FORNECEU MENOS EMIGRANTES...

AÇORES: MAIS EMIGRANTES QUE NASCIMENTOS

OITO POR CENTO DOS ÓBITOS FORAM CRIANÇAS COM MENOS DE UM ANO

NOTA DO DIA

PREMISSA A NÃO ESQUECER

*

Terça-feira, 27 de agosto de 1974: "Consta que está assegurada a construção do edifício definitivo para a Escola Preparatória Mário Beirão, de Beja, o qual se localizará nos terrenos próximos ao hospital distrital", in Zunzuns das Portas de Mértola.

Sexta-feira, 30 de agosto de 1974: "Não sem encontrar forte resistência dos sectores mais reaccionários, especialmente da Igreja, está a decorrer no norte do País uma campanha de alfabetização a cargo de brigadas de jovens estudantes, empenhados em libertar o povo da ignorância que, durantes 48 anos, foi suporte para a vigência de um regime de opressão fascista", in fotolegenda na capa

Quarta-feira, 28 de agosto de 1974: "Segundo dados relativos a 1973, incluídos no 45.º volume das 'Estatísticas Demográficas', recentemente editado pelo Instituto Nacional de Estatística, 79 517 portugueses emigraram legalmente durante o ano passado. A Alemanha Ocidental foi o principal destino da emigração legal, recebendo, segundo os números provisórios do INE., 31 479 emigrantes portugueses. Os emigrantes não controlados que, durante 1973, trocaram o país pelas terras de França representou mais de metade do total anual da emigração legal, atingindo 40 502". ANÍBAL FERNANDES

Diário do Alentejo

Jornal regionalista independente

NOTA DO DIA

ÉVORA: TRABALHADORES RURAIS DENUNCIAM ACTOS DE SABOTAGEM ECONÓMICA DE GRANDES AGRÁRIOS

Diário do Alentejo

Jornal regionalista independente

ANTIFASCISTAS PORTUGUESES SOLIDÁRIOS COM AS VÍTIMAS DO REGIME DE TERROR CHILENO

NOTA DO DIA

ÉVORA AMEAÇADA DE FICAR SEM ÁGUA

GREVE DE TRABALHADORES DOS C.T.T. EM CASTRO VERDE

OPINIÃO

Atitude precisa-se por cá!

MANUEL REIS MEMBRO DA DORBE – DIREÇÃO DA ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE BEJA DO PCP

O nosso distrito é a nossa casa, a nossa terra, a nossa família, as nossas gentes, a nossa cultura, os nossos amigos, os vizinhos e as boas maneiras sem que tal signifique, antes pelo contrário, falta de afirmação e de firmeza na defesa das opções necessárias para todos, todos, todos termos uma vida melhor em tempo útil, já agora.

Precisamos que a nossa rede viária seja arranjada e, entretanto, reparem, designadamente, àquilo que se chama IP8 até à entrada de Beja uns bons quilómetros. Precisamos de uma mais célere resposta na eletrificação da linha férrea e da ligação direta de comboio a Lisboa. Precisamos de uma solução para o nosso (da ANA-privatizada) aeroporto e das suas ligações viárias, de saídas condignas dali para qualquer lado. Precisamos de uma resposta na oferta de saúde pública com mais meios humanos e condições; a construção da segunda fase do Hospital José Joaquim Fernandes bem como investimentos em vários centros de saúde, como Moura, por exemplo, e a retoma do hospital de Serpa para o Serviço Nacional de Saúde. Precisamos de uma rede pública de lares para idosos e de alargar a rede de creches gratuitas. Precisamos de maior e diversificada oferta cultural e de dinamização e apoio aos nossos agentes culturais. Precisamos de salários e reformas que dignifiquem quem trabalha e trabalhou. Precisamos de soluções de emprego e condições para os nossos jovens poderem formar família e terem acesso a uma habitação. Precisamos que os nossos campos não definhem com a monocultura da azeitona e amendoeiras. Precisamos de valorizar o nosso património cultural, histórico e gastronómico. Precisamos dar atenção ao nosso movimento associativo e desportivo e aos associados e dirigentes que dão o seu melhor por amor às suas camisolas. Precisamos de alma! Precisamos de não nos envergonhar do nosso passado e com orgulho assumir e honrar todos os que em todos os tempos fizeram acontecer Abril em Portugal e que aqui foram tantos, tantos. Era o que mais faltava! Nós não andamos cá para andar atrás de ilusões, de mentiras e manipulações baratas anticomunistas e contra a CDU. Sabemos muito bem o que querem hoje, como sempre quiseram.

Precisamos, assim, de tanta coisa e estas, para além de outras que podia aqui elencar, são assim tão impossíveis de concretizar? Não são necessárias? Não vale a pena lutar por cada uma delas? Antes tínhamos um deputado comunista no distrito, "um chato" para alguns certamente, mas o distrito era falado, os seus problemas eram levados a Lisboa, algumas situações foram resolvidas e muitos sabem bem do que falamos graças à sua atitude, postura aberta e de diálogo junto de cada trabalhador, cada situação, cada problema com o seu partido, com a CDU e o grupo parlamentar. Hoje muitos sentem já a falta que faz um deputado da CDU. Mas os problemas e as situações não deixarão de ser levantados e levadas ao parlamento mesmo sem o deputado que agora não temos.

Mas é claro que aquilo que precisamos será mais ou menos assumido e percetível para muitos no distrito, o que é preciso é encontrar a maneira de contribuir lutando para os resolver, se não o que andamos por cá a fazer? Se se espera que alguns partidos ou membros desses partidos estejam à porta de alguma empresa com problemas ou instituição que vá encerrar, como é o caso, por exemplo, do lar da Cruz Vermelha em Beja, quando não há eleições, desiluda-se.

Pronto, bem sei que uma ou outra coisa estará a ser anunciada e esperemos que não seja mais uma vez. Mas, mesmo assim, o importante é mesmo saber se vai ou não e quando acontecer. Estou a falar do anúncio de reforçar o alcatrão no IP8 até mais uns quilómetros, mandando às urtigas aquilo que sempre praticamente todos diziam defender, que era levar quatro vias até Vila Verde de Ficalho, em total desrespeito por tudo e por todas as instituições que o defenderam e do Plano Rodoviário Nacional. Anunciaram também um investimento de reforço de água em algumas freguesias do concelho de Mértola, e bem, mas antes os mesmos não quiseram, vá-se lá saber porquê. Também anunciaram investimento rodoviário na via em Aljustrel, bem. Anunciaram a intenção de investimento no Hospital José Joaquim Fernandes com a construção de um novo edifício e reparações no atual, velhinho, e bem, pois existe a exigência com décadas da construção da segunda fase deste hospital, objeto de uma resolução de iniciativa do PCP aprovada na Assembleia da Republica.

Mesmo em tempo de férias, para aqueles que ainda as podem fazer, estamos a construir a nossa presença na Festa do Avante – a maior iniciativa político-cultural no País; a discussão e participação no XXI Congresso do PCP a realizar em dezembro e a trabalhar na valorização e reforço da CDU nas eleições para as autarquias locais do próximo ano.

CRÓNICA

AGORA DIGO EU…

Colónias de férias

JORGE MARTINS

Apesar destas semanas meio instáveis, com dias em que passamos pelas quatro estações anteriormente com datas de início e fim bem definidas, mais coisa menos coisa, a realidade é que já levamos dois meses de verão no calendário.

Dias mais longos.

Roupas mais leves.

Ânimos mais calmos.

Ruas mais cheias.

Pelos corredores do trabalho, por estes dias, todas as conversas terminam, invariavelmente, com a mesma questão: "então e tu, quando é que vais de férias?".

Mesmo que repitamos a questão e, claro, a resposta às mesmas pessoas, numa prova de que o momento é pouco mais do que aquela cortesia básica, que se mistura com um encher chouriços, alavancado pelo contexto da época.

As opções são várias, desde os que por esta altura já queimaram todos os cartuxos, aos que contam os dias de forma insana para o (quase sempre) merecido descanso, passando por aqueles que estoicamente se aguentam a ver a agitação entre idas e regressos, muitas vezes a fazer o lugar (leia-se, o trabalho) daqueles que saíram uns tons de pele bem abaixo daquele que trazem no regresso, que ouvem relatos na copa e veem imagens nos telefones alheios, tudo isto enquanto aguardam a sua vez que, por opção ou outras contingências, ficou guardada para o fim.

Mas nada disto se passa com as crianças para quem, na sua maioria (quero acreditar), mais de dois terços do verão é sinónimo de férias. E ainda bem. Polémico, este desabafo, pois bem sabemos que nos dias que correm, para muitos, sem uma rede de apoio, com as finanças contadas, mesmo fruto, tantas e tantas vezes, de dois trabalhos que não chegam para as equilibrar, este tempo é de tormento, preocupação e muita ginástica.

Mas este ponto de vista tem só em conta as crianças e o merecimento deste período de relaxamento sem compromisso, numa altura em que a exigência com os resultados (que daria outro artigo per si) as deixa muitas vezes sem fôlego (tampouco tempo) para gozar deste tempo.

Neste contexto e nas mais variadas vertentes e realidades, uma das atividades que caracterizam esta época são as colónias de férias. Escape para muitos pais, que aqui encontram uma solução para a ocupação dos seus filhos que, em muitos casos, têm nestas iniciativas as únicas férias "a sério".

Tive oportunidade de participar na ótica do utilizador, enquanto criança, e do organizador, enquanto monitor. Hoje, a participação é por interposta pessoa, como pai, portanto.

Da primeira o que me recordo é de uma sensação de medo, misturada com autonomia. Se por um lado apanhava o autocarro e lá ia eu numa viagem rápida mas adulta, até ao ponto de encontro, para seguir com a maralha do boné igual. Por outro, recordo-me de ter muito medo de ir ao mar, e de ser muito apoiado pelos monitores de então… Talvez o momento em que num parque aquático me ia afogando por me aventurar onde não devia não ajude aqui muito ao tema.

Sobre a experiência de acompanhar os mais novos, havia muito a dizer. Na altura tinha uma ideia mas hoje é uma certeza: a responsabilidade de cuidar dos filhos dos outros é realmente enorme e não temos a total noção desse atestado que nos é entregue até ao dia em que nos tornamos pais. Aprendi muito. Conheci muita gente. Tive a certeza de que a pior parte desta tarefa de cuidar de crianças são mesmo os pais, vi muitas realidades, gravei muitos momentos e guardei pessoas que ainda hoje, mais de 20 anos depois, permanecem na minha vida.

E são exatamente estas duas experiências que contribuem para o ponto de vista que tenho hoje, enquanto aquele pai que vai passar o tal atestado a quem se compromete a cuidar e entregar a minha criança sã, salva e feliz (premissa que eu creio que antigamente não estava na equação deste acordo).

Hoje, como pai que fica a dizer adeus para dentro do autocarro (momento que eles tanto valorizam, pelo menos até determinada idade), sei os medos que leva, o espírito aventureiro que carrega, o poder da influência dos comparsas. Sei que é diferente o nível de acato às instruções em casa ou por lá. Pode haver cumplicidade mas não existe a ligação afetiva que, em casa, leva à exploração das tentativas ao limite. Lá são todos mais rápidos, mais autónomos, mais desenrascados. Tal como na maior parte das escolas, ali há uma espécie de regime de tropa em que todos, salvo as exceções óbvias, se guiam pelas mesmas regras. E por mais que queiramos sempre que os nossos tenham uma atenção especial, a verdade é que só assim é que funciona.

Mas hoje quando o autocarro parte, depois da azáfama matinal de quem tem que garantir que está tudo conforme e ainda tem de anotar os 50 recados distintos que cada pai deixa à porta, tenho a certeza de que também eu tenho receios, tal como em criança, mas diferentes. De que se perca, de que esqueça (das tantas indicações que já leva na bagagem), de que se atrase, e de outros tantos "ques"…

Sei que quem está tenta dar conta de tudo e dá o seu melhor, na maior parte das vezes. E tal como na escola, não é possível controlar tudo e todos ao detalhe. Sei que tal regime militar serve para que ganhem rotinas que facilmente se decoram e ajudam a que nada falhe, mesmo que isso signifique que se perca alguma espontaneidade (mas essa tem que ficar para quando vão com os pais).

Sei que vai trazer na mochila um qualquer resto de lanche e uma boa quantidade de areia. Sei que à noite vai adormecer mais cedo.

Mas o que eu não sei, nem neste nem em nenhum outro contexto, o que não consigo prever dadas as variáveis, o que gostava de garantir sempre, é se volta feliz e com vontade de regressar no dia seguinte.

Neste cenário, ou nos diferentes com que nos vamos deparando na vida, interessa que a nossa participação seja mais do que cumprir calendário. Importa que nos acrescente, que nos motive, que nos faça querer mais e que nos permita criar memórias boas. E essas, digo-vos eu, quando o são, ficam para sempre.

MANUEL PICA

64 ANOS, MESTRE CADEIREIRO, BALEIZÃO (BEJA)

Era ainda "muito pequenino" quando começou a transformar os paus que encontrava, junto ao monte onde vivia, em brinquedos. Era essa a maneira mais fácil de os ter, modelando a madeira com astúcia, pelo manuseamento certeiro do canivete, até esta se encontrar com as formas da realidade que o jovem artesão observava – uma carroça puxada a "bestas", um trator, um moinho de vento, uma charrua para lavrar a terra…. Um dia, já adolescente, tomou a decisão de passar das miniaturas lúdicas ao tamanho funcional e construiu a sua primeira cadeira – "tratou-se, apenas, de ampliar a escala", diz. A partir daí, a arte da carpintaria, da qual é autodidata, aliou-se à do empalhamento, aprendida com "velhos mestres", com o buinho a constituir-se como elemento agregador. A planta herbácea, própria de zonas húmidas, é colhida pelo próprio cadeireiro e entrelaçada, depois de seca, em assentos e costas de cadeiras, em bancos, em alcofas, em revestimentos de garrafas, jarros e jarras de *designers* contemporâneos – parcerias que muito o alegram, ao estimular-lhe a criação. Trabalhador da Câmara de Beja, Manuel Pica é o responsável pela "Oficina de Buinho", ateliê permanente a funcionar no edifício do Centro Unesco da cidade, inserido no projeto "Beja Experience", programa de turismo criativo que pretende ser "uma oportunidade única para vivenciar a cultura local nas suas manifestações mais típicas". É lá que recebe grupos de turistas, dirige *workshops*, faz formação, colabora em projetos com escolas e outras instituições municipais e de carater social. Ao fim da tarde, regressa a Baleizão, à sua oficina de tetos altos onde as paredes, museológicas, exibem uma multiplicidade de objetos ancestrais ligados à ruralidade, bem como rabiscos de nomes e números de telefone – encomendas ali anotadas quando "não se encontra um papelinho". À sua arte, "mestre" Manuel Pica agradece o prazer que a mesma lhe tem dado ao longo da vida, consciente da responsabilidade que lhe é devida por dela ser um dos seus mais eminentes guardiões.

"Nos meus tempos de infância a situação era muito mais difícil do que é hoje. Só tínhamos direito a um brinquedo uma vez por ano, por alturas da Feira de Serpa. Uma coisinha qualquer, em lata ou plástico, que facilmente se degradava. A minha criatividade surgiu da necessidade de construir os meus brinquedos".

"O primeiro carro que vi, tinha eu seis anos, foi um táxi. Foi buscar alguém doente lá ao monte onde eu morava, ao pé de Serpa, e digo eu assim: 'Vou fazer um carro daqueles'. E fiz. Todo em arame, preenchido com restos de plástico preto, verde e transparente (para os vidros) dos sacos de adubo. As rodas eram em cortiça".

"A arte nasce pela necessidade. As pessoas começaram a construir cadeiras porque necessitavam delas em casa e tinham poucos recursos. Como as cadeiras, outras coisas: as ferramentas do campo, as carroças, os acessórios das 'bestas', os cabos das enxadas. A minha mãe costurava, fazia as nossas roupas".

"Aprendi muito vendo outros artesãos, lá em A do Pinto, a trabalhar no buinho. Fazia, desmanchava, fazia. Quando casei vim para Baleizão, onde também havia cadeireiros. Eu criava a estrutura da cadeira, em faia, oliveira ou loendro e esses artesãos faziam a parte do buinho, os assentos. Ganhávamos todos com isto, produzia-se muito mais. Acontece que eles começaram a ficar velhotes… até que desapareceram todos".

"Dantes, havia cadeireiros que trabalhavam a tempo inteiro. Mas, depois, o artesanato caiu em desuso, assim que apareceu a industrialização dos mobiliários. E a partir daí deixou de ser um governo de vida".

"Recolho o buinho da água, com uma foice, em ribeiras do Guadiana. Quando corto as plantas têm dois metros de altura, estão verdes e são pesadas. Ficam a secar ao sol. Uma semana vira de um lado, na outra semana vira do outro. Passado um mês o buinho está sequinho, pronto a ser utilizado".

"Gosto muito de ensinar. É uma pena este ofício não se desenvolver, não haver mais pessoal novo que goste de o aprender. Porque hoje há a hipótese de uma pessoa fazer disto a sua profissão. A ideia que eu procuro transmitir é essa".

"Entidades como o Instituto de Emprego [e Formação Profissional] deviam procurar os mestres artesãos, que ainda podem transmitir o seu conhecimento, e abrir cursos, para ver se estas coisas ficam. Eu vivo com o drama de pensar que não vou conseguir deixar esta arte a ninguém".

PATRIMÓNIO DE OFÍCIOS

"A minha criatividade surgiu da necessidade de construir os meus brinquedos"

TEXTO **JOSÉ SERRANO** FOTOS **RICARDO ZAMBUJO**

DESPORTO

No primeiro dérbi regional do Campeonato de Portugal, o Serpa goleou em Moura

"O RESULTADO NÃO MENTE"

CAMPEONATO DE PORTUGAL

SÉRIE D | 2.ª JORNADA

Jogo	Resultado
Estrela Amadora B-Fabril	0-0
Sintrense-Vendas Novas	3-0
Moura-Serpa	1-4
Com. Indústria-Barreirense	4-1
Amora-Lusitano Évora	0-0
Louletano-Moncarapachense	1-0
Lagoa-Operário (*)	

(*) adiado para 13/10

CLASSIFICAÇÃO

Equipa	Pontos
1.º Sintrense	6
2.º Louletano	6
3.º Lusitano de Évora	4
4.º Amora	4
5.º Moncarapachense	3
6.º Serpa	3
7.º Comércio Indústria	3
8.º Moura	3
9.º Estrela Amadora B	1
10.º Fabril	1
11.º Operário	0
12.º Barreirense	0
13.º Vendas Novas	0
14º Lagoa	0

Próxima jornada (1/9): Operário Amora; Vendas Novas-Estrela Amadora B; Barreirense--Serpa; Fabril-Lagoa; Moncarapachense--Sintrense; Comércio Indústria-Louletano; Lusitano de Évora-Moura.

O Lusitano de Évora e o Barreirense serão os próximos adversários do Moura Atlético Clube e do Futebol Clube de Serpa, respetivamente, fora de casa, naquela que será a terceira jornada do Campeonato de Portugal.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Para trás ficou a segunda ronda, aquela que proporcionou as emoções de um dérbi entre os dois representantes da Associação de Futebol de Beja e em que a equipa visitante venceu por 1-4. Um jogo emoldurado pela presença de algumas centenas de adeptos dos dois clubes, à margem do qual foi entregue à direção dos mourenses uma réplica do voto de louvor aprovado em assembleia--geral recente, um pouco à semelhança do que já acontecera, antes, com o ex-atleta António Miguel Borralho, "Tó Miguel", 46 anos, que, após ter vestido a camisola do clube durante 24 épocas (14 delas consecutivas) rumou ao Piense Sporting Clube.

Antes de nos fixarmos numa breve análise ao jogo entre as equipas comandadas por José Luís Prazeres e por José Mauro Santos, olhemos para os restantes emblemas da região e para o que foi a sua prestação na última

ronda. O Lusitano Ginásio Clube, de Évora, viajou para o Estádio da Medideira, em Amora, de onde regressou com um ponto, face ao empate, sem golos, com que se concluiu a partida. O Estrela de Vendas Novas jogou no Parque de Jogos do Sintrense, recinto onde sofreu uma goleada por 4-1, permitindo aos locais alcandorarem--se nos lugares cimeiros da tabela da série D, com o pleno dos pontos. Na série C, a equipa de "O Elvas" recebeu "Os Marialvas" (Cantanhede) e venceu por 2-0, enquanto o Arronches e Benfica empatou a zero, no seu recinto, com o Mortágua. Vem já por aí a terceira jornada, com todas as partidas marcadas para o próximo domingo, primeiro dia do mês de setembro. Caberá aqui recordar que o Operário de Lagoa (Açores) ainda não realizou qualquer jogo, porquanto foram adiados os seus compromissos com o Estrela da Amadora B (em casa) e a deslocação ao recinto do Lagoa (Algarve). Sendo assim, na ronda de domingo, teremos o Serpa com uma deslocação ao Campo Verderena, no Barreiro, recinto onde a equipa do Barreirense foi derrotada pelo Moura (0-1), perdendo depois no terreno do Comércio Indústria (Setúbal) por 4-1. O Barreirense tem um golo marcado, cinco sofridos e ocupa o 12.º lugar, sem pontos. O Moura viajará para a cidade de Évora, concretamente ao histórico Campo Estrela, para defrontar o, não menos histórico, Lusitano Ginásio Clube. Os lusitanistas entraram na prova com um triunfo, folgado, sobre o Lagoa (4-0) e empataram, zero a zero, em Amora. Sem derrotas, ocupam um dos lugares do pódio.

Posto isto, é altura de nos debruçarmos sobre o dérbi a que assistimos no Estádio Municipal de Moura. Diremos que não foi uma partida de grande recorte técnico. Nem se esperava que fosse. Estamos no início da época desportiva, esta foi apenas a segunda jornada do campeonato e as equipas ainda andarão à procura das suas rotinas e do melhor entrosamento, Depois, os dérbis, normalmente são jogados mais com o coração do que com a racionalidade que o jogo exige. Contudo, foi uma partida interessante, melhor na primeira parte do que na segunda, porque no período inicial existiu mais equilíbrio, ainda que ao longo de todo o tempo de jogo se notasse maior ascendente da equipa visitante. O Serpa foi a equipa mais audaz, mostrou que os processos de jogo estão mais maturados, provavelmente por ter conseguido reunir mais atempadamente o seu plantel, enquanto o adversário teve algumas dificuldades em concretizar esse processo.

Os visitantes fizeram funcionar o marcador aos 15 minutos, mercê de uma grande penalidade, e o Moura igualou sete minutos depois, na sequência de um pontapé de canto. No último minuto do primeiro tempo António Maior (que não é o jogador indigitado para aquele tipo de lances) falhou uma grande penalidade que poderia ter colocado a equipa da casa em vantagem, permitindo a defesa do guardião Rafael. Era o minuto crucial para uma eventual "remontada", mas as equipas regressaram às cabines empatadas a uma bola. No segundo período o Serpa manteve a toada inicial e voltou a marcar, uma, duas e três vezes, enquanto os mourenses não conseguiam acertar na melhor estratégia para contrariarem o avolumar do marcador.

NAS CABINES:

José Luís Prazeres (Moura A.C.): "A boa e a má equipa"

Instado a comentar a justiça do resultado, usou do seu habitual sarcasmo, invariavelmente cáustico, e atirou-nos: "Foi escrito por você que, na semana passada, nós tínhamos ganho a uma má equipa e que o Serpa tinha perdido com uma boa equipa, portanto, hoje ganhou uma boa equipa e perdeu uma má equipa". Nem mais... Ponto final.

José Mauro Santos (F.C. Serpa): "O resultado não mente"

"Acho que fomos uma equipa que não entrou com medo do jogo, que procurou os três pontos, desde o início. Mas a equipa adversária trabalhou bem, demonstrou muito respeito por nós, desde o primeiro minuto. Podíamos ter ido para o intervalo a perder por 2-1, não fosse uma grande defesa do Rafa, no penálti assinalado no último minuto do primeiro tempo. Na primeira parte cometemos alguns erros, mas, no global, acho que o resultado não mente".

Sporting Clube Ferreirense está de regresso à primeira linha do futebol regional

QUE SEJA BEM-VINDO

O Sporting Clube Ferreirense regressa, nesta época desportiva, ao convívio dos grandes emblemas do futebol regional. Um regresso que há muito se justificava tendo em conta o palmarés do clube mais representativo do concelho que está "no centro do que é importante".

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Ferreira do Alentejo e Ferreira do Zêzere são duas vilas geminadas. O Sport Clube Ferreira do Zêzere, vencedor da Taça Ribatejo, apadrinhou a apresentação oficial do Sporting Clube Ferreirense, Campeão Distrital da 2.ª Divisão da Associação de Futebol de Beja, disputando, ambos, a Taça Josué dos Santos, uma homenagem, a título póstumo, a um ex-dirigente e grande adepto do clube. "Tenho pena de não termos feito isto pelo senhor Josué em vida. Momentos como este têm outro significado quando as pessoas estão vivas e podem vivenciá-los. Lamentamos já não o ter entre nós, mas a vida é assim, e nós não podíamos deixar de reconhecer o seu grande mérito enquanto adepto, sócio e dirigente do nosso clube. Foi uma forma simbólica de dizermos que o Sporting Ferreirense não esqueceu o senhor Josué dos Santos", assegurou Filipe Monge, recentemente reeleito como presidente da direção do clube. O dirigente projeta uma época tranquila e sublinha a atual estabilidade do clube.

O Ferreirense está, de novo, entre os maiores do futebol regional. A vossa reeleição para um segundo mandato foi o reconhecimento desse mérito?
Temos vindo a fazer um trabalho de continuidade e temo-lo feito com alguma qualidade. E essa qualidade está demonstrada também nos resultados que temos conseguido nos últimos anos. Fomos campeões distritais em alguns escalões de formação e, na época passada, fomos campeões da segunda divisão com a equipa sénior. Recolocar o clube na primeira divisão distrital era uma situação que ambicionávamos e que conseguimos, se calhar até mais cedo do que estávamos a pensar. Mas temos que agradecer aos sócios do clube por terem acreditado e continuarem a acreditar em nós.

A ideia é fixar o clube neste patamar ou este é um processo ainda mais ambicioso?
Ambição existe sempre. Mas, para sermos realistas, diremos que o nosso lugar é claramente na primeira divisão distrital. Vamos ter uma equipa que, pensamos nós, nos irá proporcionar um campeonato tranquilo. É essa a nossa perspetiva. Uma vez cimentada esta posição neste patamar do futebol distrital, logo se verá. Mas admitamos que quanto maior for a nossa ambição também maior será a necessidade de termos mais recursos humanos e, principalmente, económicos. Temos as coisas controladas e estabilizadas, queremos continuar por aqui, manter esta aposta na formação, para que ela continue a marcar a sua posição nos distritais e nacionais.

O futebol sénior esteve ausente do clube durante alguns anos. Foi uma "travessia do deserto" para sarar feridas do passado?
O clube, atualmente, está bem e assim julgamos que se manterá, a não ser que exista por aí uma grande hecatombe. Temos um grande parceiro que é o município de Ferreira do Alentejo, ao qual temos muito que agradecer, porque sem esse apoio, quer ao nível de infraestruturas, como noutro apoio que nos dá, não seria possível termos chegado até aqui. Portanto, neste momento, o clube está estabilizado, com muita tranquilidade, quer ao nível da atividade sénior, como nos escalões de formação.

Significa que existe um equilíbrio entre os apoios e os compromissos de gestão?
Sim! A prioridade desta direção, neste como no mandato anterior, tem sido sempre cumprir com os nossos compromissos. É um ponto de honra. Graças a Deus, temo-lo conseguido e, entretanto, neste passo para a subida do clube à primeira divisão distrital, mais uma vez, contamos com o fundamental apoio do município, que é o nosso braço direito, braço esquerdo e pernas, para andarmos, de outro modo, não conseguiríamos. Mas temos que evidenciar e agradecer, também, o apoio da união de freguesias e das diferentes empresas que nos patrocinam.

O que pediu ao treinador Miguel Silva? A manutenção?
O nosso objetivo aponta claramente para a manutenção. Estamos focados em fazer um campeonato tranquilo, dentro das condições que possuímos e em sintonia com o plantel que conseguimos construir. Parece-me que o iremos conseguir, contudo, o dia de amanhã ainda ninguém o viu. Queremos estabilizar o Ferreirense na primeira divisão distrital, através de um processo tranquilo, com pés e cabeça, e depois logo se verá.

O clube tem apostado em treinadores muito jovens mas que têm mostrado muita qualidade…
O regresso do *mister* Miguel Silva, para os seniores do clube, teve a ver com o facto de já o conhecermos e termos gostado muito do trabalho que aqui fez na primeira época. Depois, porque também já conhecia a casa e está muito em sintonia com os nossos objetivos. O Miguel é uma pessoa ambiciosa, gosta de ter equipas competitivas, jogadores que lutem entre si durante a semana para terem a melhor *performance* nos jogos, e nós gostamos dessa maneira de ser e de pensar do nosso treinador.

O sucesso e a promoção da equipa sénior não vos desviarão minimamente do que tem sido o percurso do clube na área da formação?
Não! Essa situação está perfeitamente assumida, e bem assumida, por todos. Quando recuperámos a equipa sénior ficou assente que nunca se iria abandonar o trabalho que estava a ser feito com os escalões mais jovens. Neste momento, temos duas prioridades: estabilizar os seniores e consolidar a nossa formação, tentando fixar-nos nos campeonatos nacionais.

O Figueirense, na época passada, foi campeão distrital de juniores com um treinador e alguns atletas que saíram do Ferreirense…
São situações que surgem. Confesso que foi uma altura difícil, porque houve outras situações que não tiveram que ver com o futebol, com as quais eu e a minha equipa de dirigentes não nos identificamos. Mas jogámos as mãos à obra e temos que reconhecer que o Paulo Amaro, nosso treinador na época passada, fez um trabalho excecional. Reconstruiu uma equipa que, praticamente, não existia, e conseguiu levá-la à fase de apuramento de campeão. A imagem do Ferreirense nunca saiu melindrada, aliás, mostrou-se que sabemos trabalhar perante estas dificuldades, contornando-as com sucesso.

LUÍS COSTA NOS PARALÍMPICOS

O paraciclista Luís Costa, 51 anos, natural do concelho de Castro Verde, atleta que representa o Clube de Ciclismo de Tavira, integra a delegação portuguesa que participará nos Jogos Paralímpicos Paris/2024. O atleta partirá, no domingo, para França, onde competirá nas provas de ciclismo em linha e contrarrelógio (Classe H5).

PIENSE SPORTING CLUBE

O Atlético Sport Clube, de Reguengos de Monsaraz, será o adversário do Piense Sporting Clube, no jogo de apresentação oficial da equipa alvinegra aos seus associados, que terá lugar amanhã, sábado, 31. O encontro realiza-se no Estádio 1.º de Maio, com início previsto para as 17:00 horas. O clube competirá, esta época, na 2.ª divisão da Associação de Futebol de Beja.

CLUBE DESPORTIVO PRAIA DE MILFONTES

O Campo da Foz do Mira, receberá amanhã, pelas 17:00 horas, uma partida entre o Clube Desportivo Praia de Milfontes e o CD Odiáxere, que servirá de apresentação oficial dos "Guerreiros do Mira", que serão orientados por Vítor Franco, técnico que, nas últimas duas épocas, esteve no União de Santiago do Cacém.

PELOS TRILHOS DE MOMBEJA

O Grupo Desportivo e Cultural de Mombeja, através da secção de BTT, promove neste domingo, 1 de setembro, pelas 9:00 horas, a décima oitava edição do evento de BTT Pelos Trilhos de Mombeja, competição com percursos de 45 e 65 quilómetros, em andamento livre. A concentração acontecerá junto ao campo de futebol local. A prova será pontuável para a Taça de Maratonas Cercibeja.

Clube Desportivo de Almodôvar pretende mudar de paradigma nos próximos três anos

CHEGOU A HORA

O Clube Desportivo de Almodôvar conquistou a Taça de Honra da 1.ª Divisão na última época desportiva. Um sucesso determinante para a continuidade do treinador João Nunes à frente da equipa. Mas agora, com um projecto ambicioso, um plantel valorizado e uma forte ambição.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

"Sim, isso pesou na minha decisão e, apesar de ter recebido outros convites, acabei por ficar, também por conveniência familiar e, claro, a vitória foi empolgante, as pessoas trataram-me bem e acabei por chegar a acordo com o Almodôvar, para tentarmos desenvolver um projeto a três anos", reconheceu o técnico João Nunes, 52 anos, que chegou a Almodôvar no último terço da época desportiva anterior, após passagens pelo Lusitânia dos Açores e pelo Almancilense.

Esta época será, necessariamente, diferente. O planeamento já teve a sua assinatura?
O planeamento foi diferente. Mudámos um pouco o paradigma. Temos jogadores que vêm de fora, jogadores que vieram comigo, que eu já conhecia de outro campeonato. Mas é uma equipa muito jovem, com uma média de idades entre os 23 ou 24 anos. Temos também muitos juniores a trabalhar connosco. Como disse, é um projeto a três anos. Temos um *scouting* a trabalhar connosco, que vai a diversos países e consegue recrutar alguns jogadores.

A base do plantel manteve-se?
Claramente. A espinha dorsal será a mesma do ano passado. A formação do Desportivo de Almodôvar é boa. Tem bons jogadores e nós apostamos muito no jogador da terra, mas serão todos de Almodôvar, quem para aqui vem e veste esta camisola, passa a ser almodovarense. Estaremos atentos à formação, pois outro objetivo é formarmos uma equipa de juniores que seja forte. Olharemos para baixo para detetarmos talentos que possamos puxar para cima. Queremos lançar jovens na equipa principal.

Na sua apresentação afirmou que está crente numa boa temporada. Que significado tem essa afirmação?
Estou realmente crente numa boa temporada. O primeiro ano de um projeto é sempre uma incógnita,

A espinha dorsal será a mesma do ano passado. A formação do Desportivo de Almodôvar é boa. Tem bons jogadores e nós apostamos muito no jogador da terra, mas serão todos de Almodôvar, quem para aqui vem e veste esta camisola, passa a ser almodovarense".

mas seguramente que estamos mais fortes do que na época transata e estamos prontos para iniciar o campeonato e sermos competitivos em todos os jogos.

Que metas lhe propôs a direção?
Não existem metas. Como disse, o projeto é a três anos. Não existe obrigatoriedade de subir, mas considero que seremos muito competitivos em todos os jogos.

No futebol é possível desenvolver projetos a curto ou médio prazo. Os resultados, o sucesso mais imediato, não condicionam essas intenções?
Acredito nos projetos a médio prazo, por exemplo, a três anos. Mesmo que eu saia a meio, o projeto está em andamento. As bases ficam lançadas e, como eu tenho esta valência que é deixar uma estrutura forte, quem vier a seguir acaba por conseguir também bons resultados, porque a base ficou criada, a estrutura ficou montada. Já iniciei alguns projetos que hoje estão na Liga 3, e estão lá por isso mesmo, apesar de eu ter saído a meio, o outro ano e meio foi de continuidade daquilo que estava feito. Portanto, acredito nos projetos, independentemente da pessoa sair ou não, as estratégias ficaram lá.

No final dos três anos a ideia é deixar o Desportivo de Almodôvar onde?
Acredito que temos um primeiro ano de experimentação. Um ano de alguma folga, mas acredito na possibilidade de o Almodôvar chegar aos campeonatos profissionais. Não é nos nacionais, é nos profissionais.

Tem um plantel capaz de obter esses resultados?
Os nossos jogadores andam muito na casa dos 20 ou 21 anos, São jogadores que procuram uma oportunidade no futebol, têm muito potencial. Agora, respondendo à sua questão, o plantel tem qualidade. Tem qualidade individual, veremos se ela se vai interligar no coletivo, pois temos vários tipos de futebol. Temos gente da Austrália, temos gente do Canadá, do Brasil, de África, gente de Almodôvar, a qualidade está lá, é inegável. Veremos se isto tudo acaba por se interligar enquanto equipa. É sempre uma incógnita.

Com opções tão universais é porque não se sentiu condicionado pela "ditadura" do orçamento…
Tivemos muito cuidado com o orçamento. Mas estes jovens vêm também pelo meu nome, pois eu lancei muitos jovens e isso também é um investimento para eles. Ou seja, o Almodôvar não aumentará de modo significativo o seu orçamento, embora haja sempre um acréscimo quando vêm pessoas de fora. São encargos que têm a ver com a alimentação e alojamento. O clube não estava habituado a isso, mas está a fazer esse esforço. Mas o orçamento não foi um problema, porque há muita gente que vem à procura de treinar comigo, vem à procura de se desenvolver, porque sabem que eu potencio muito bem os jogadores e é isso que eles procuram. Esse é um investimento deles. Não vieram por dinheiro. Vieram procurar a sua oportunidade.

A época abre com a Taça de Honra, com o Almodôvar inserido num grupo onde estão o Despertar, o Penedo Gordo e o Renascente…
Todas as equipas têm as suas valências e têm as suas capacidades. No futebol nunca ninguém pode dizer antecipadamente que as coisas são acessíveis e estão ganhas. Nunca considerei este ou aquele adversário acessível. Todos me merecem o maior respeito, é esse respeito que faz com que eu encare todos os jogos com muita seriedade.

Focados em repetir o sucesso da época anterior?
Temos quase essa obrigação. Fomos os vencedores, temos que apostar nessa conquista, mas nós apostamos em todas as conquistas. Temos sempre esse sonho, senão, não andaríamos aqui. Agora, se a bola entra ou não, isso é outra coisa.

Começará o campeonato em casa, com o Aldenovense e depois terá um dérbi em Castro Verde…
O que posso dizer é que eu encaro todos os jogos de igual forma. Iremos jogo a jogo. O Aldenovense, que defrontaremos no próximo jogo, será o mais difícil. O Castrense virá depois, mas, para mim, acho que o Aldenovense será uma surpresa, porque se reforçou muito bem, tem muitos jogadores de Moura. Ficou com algumas mais-valias do plantel anterior e tem um projeto forte.

Manutenção do Penedo Gordo na primeira divisão distrital será um justo prémio

UMA REALIDADE ADVERSA

António Calatróia, treinador do Penedo Gordo, tinha anunciado, no final da época anterior, que estaria de saída do futebol. Afinal, o clube, sim, sofreu uma debandada de jogadores, mas Calatróia ali permaneceu.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Por amor ao clube, a Associação Cultural e Desportiva de Penedo Gordo, Calatróia ficou. Continua a argumentar que está velho e cansado, mas o espírito de missão e a paixão pelo emblema que ajudou a chegar até aqui, com as suas infraestruturas melhoradas, falaram mais alto. Calatróia recordou: "Era minha intenção parar. Tenho 60 anos, estou cansado. Já tenho uma idade que não me permite muito enfrentar invernos rigorosos, para estar no campo e dar o melhor nos treinos. Depois, aconteceu uma situação que foi a saída de jogadores. Não perdi só 18 jogadores, perdi também uma equipa técnica que me estava a ajudar e que tinha muita qualidade. Ponderando essa saída de tantos jogadores e correspondendo ao apelo e pedidos de ajuda do presidente do clube, tive que repensar bem as coisas e voltar ao banco do Penedo Gordo".

O que pesou mais nesse retrocesso? Paixão pelo clube ou pelo futebol?

Foi a paixão pelo clube. Quando tudo começou no Penedo Gordo, isto era o campo da bola. Agora temos aqui um estádio. Foi com estes meninos aqui da terra: os Facaias o Igor, o Pedro Lança, e muitos outros que vieram da cidade, falei apenas nos mais carismáticos, foram eles que levantaram isto e fizeram do Penedo Gordo o clube que é hoje. Vieram para aqui muito novos, é normal que estejam desgastados. Com todo o respeito pelo trabalho do atual e dos anteriores presidentes, o Penedo Gordo precisava de mais pessoas a apoiar. O associativismo cada vez está pior, o futebol de hoje é um jogo de interesses, o futebol distrital já está comandado pelos empresários. Consoante o dinheiro que as câmaras adiantam, assim os empresários investem no clube a, b ou c. Aqui não arriscam porque sabem que não há dinheiro. O presidente Bruno Baia merecia mais apoio, mesmo até da população local. Temos sempre muita gente a ver a bola, mas não são pessoas daqui. Se as pessoas querem ter uma equipa na primeira divisão distrital, terão que dar mais a cara. O bairrismo desapareceu, não sei porquê.

A equipa perdeu jogadores que eram nucleares…

Sim, eram miúdos com muita qualidade e que estavam aqui comigo já há uns anos. Se calhar, cinco, seis, sete ou oito épocas consecutivas no Penedo Gordo. É normal que queiram seguir o caminho deles, mas confesso que me deixa triste, pela grande amizade que tinha com eles. Foram laços que se construíram ao longo de anos. Serei sempre um fã do futebol que eles praticam e da sua qualidade desportiva. Cá está, as pessoas procuram o tal incentivo monetário que nós aqui não lhes podemos dar, porque não crescemos o suficiente para que isso fosse possível. Teríamos que ter mais pessoas a apoiar-nos para segurarmos aqui os jogadores. Assim, é difícil.

O plantel ficou mais fragilizado. Mas são estes que estão, são eles os "melhores do mundo"…

Não conheço ainda bem a realidade do plantel. Não tenho complexos em assumir isso. Iniciámos a época com pouquíssimos jogadores. Temos treinado com 10 e 12 jogadores. Mas tenho a promessa do presidente de que, nos próximos dias, aparecerão mais atletas. Vamos ver o que conseguiremos fazer. Iniciaremos a época no dia 15 de setembro, aqui em casa, com o Despertar, em jogo a contra para a Taça de Honra. Nessa altura, consoante a resposta da equipa, é que poderei fazer uma avaliação mais aproximada da realidade e perspetivar onde é que poderemos chegar. Contudo, acredito muito naquilo que aqui tenho. Falta-nos um guarda-redes, esse é o nosso "calcanhar de Aquiles". Porém, confio que quando completarmos este plantel, aos poucos ele irá crescer.

Não será fácil repetir o sucesso da época passada?

Vamos lá ver, a época passada não foi uma das melhores do Penedo Gordo. Longe disso! A melhor época do clube foi quando ficámos em quinto lugar e fizemos 41 pontos. Foi a nossa maior pontuação. Se falarmos em classificação, ficámos uma vez no segundo lugar, na época em que subiu o Mineiro; nesse mesmo ano disputámos a final da Taça de Honra, em Vila Nova de São Bento, portanto, se quisermos fazer essa análise a equipa que nesse ano ficou em segundo lugar teve melhor prestação que a da última época, embora esta tenha ficado numa classificação honrosa (3.º lugar). Nos últimos seis anos fizemos um segundo lugar, dois terceiros, um quarto e um quinto e disputámos uma final da Taça Distrito de Beja.

Para a próxima temporada, qual será o foco?

Para a época que se vai iniciar, digo isto sem qualquer hipocrisia, o Penedo Gordo irá lutar para se manter na primeira divisão distrital. Sejamos realistas, será esse o único objetivo do Penedo Gordo neste momento. Mantermo-nos neste patamar.

A época abrirá com a Taça de Honra, prova que se completará antes de começar o campeonato…

Penso que foi uma ideia positiva e que vai de encontro às dificuldades que os clubes, muitas vezes, sentem em planear as suas pré-epocas, com problemas em encontrar adversários para fazer treinos e em arranjar árbitros que os dirijam. Os jogos-treino se não forem dirigidos por um árbitro oficial a coisa já não é bem igual. Assim, este figurino da Taça de Honra na abertura da época dá-nos possibilidade de avaliar a equipa, naturalmente sempre com o objetivo de conquistar o troféu que está em disputa, mas principalmente, e com as dificuldades por que estamos a passar, temos que o assumir, pode ajudar a melhorar no entrosamento e na qualidade das equipas e potenciar uma melhor prestação no campeonato. O meu pensamento está em dar ao meu presidente o que ele merece, que é a manutenção do clube na primeira divisão distrital.

BOLA DE TRAPOS

JOSÉ SAÚDE

A "meia-laranja"

Revivendo os costumes que antigamente proliferavam no meio citadino bejense, existe, contudo, a perseverante certeza que raras eram as localidades da região que não usufruíssem de um espaço onde as tertúlias desportivas eram comuns. A "meia-laranja", em Beja, circunscrita à então zona nobre da urbe, as Portas de Mértola, era o local favorável para a malta analisar os seus raciocínios sobre várias temáticas, embora o fizesse sob o símbolo da precaução, ou de um outro reparo sobre os esbeltos corpos de miúdas, vestindo minissaias, que faziam do local uma excelente vitrina. Na "meia-laranja", cravada entre a Ginjinha, onde o senhor Secundino deliciava os fregueses com as célebres carochas, defronte o lendário Café Luís da Rocha e, ao centro, a Papelaria Correia, dissecavam-se pensamentos desportivos que cada um dos figurantes partilhava. Estávamos no mês de agosto, época de canícula, e recordo as horas passadas naquela nostálgica tribuna em que as novidades emergiam em catadupa. O dia de São Lourenço, 10, data da tourada anual inserida na feira de agosto, apresentava-se como oportunidade para os cavaleiros de elite por lá passarem e exibirem-se a um público que vivia com êxtase a fidalga circunstância, ou os grupos de forcados, moços que faziam jus à sua valentia para enfrentarem, de caras, o touro na arena. A "meia-laranja" era, simultaneamente, a montra para os novos craques do Desportivo de Beja se mostrarem à cidade. Lembro a azáfama por uma ida ao local de "culto" para mirar os astros da bola que viajavam pela velha Pax Júlia. Pela "meia-laranja" desfilavam também personagens cuja dinâmica desportiva impunham ordem ao povo que delirava com o contexto deparado. Cruzavam-se pareceres, discutiam-se ideais e a diversidade de temas tratados ajustava-se a supostas discussões, mas sempre amigáveis. Dialogava-se sobre a questão das aquisições, ou da ida do jogador fulano tal para um dos emblemas mais sonantes do futebol lusitano a troco de valores monetários considerados como astronómicos, assim como de estrelas que brilhavam nas modalidades consideradas amadoras. Tempos de enorme respeitabilidade que o pessoal passava na "meia-laranja". Sim, porque na verdade são tempos idos que jamais voltarão, dado que aquele recanto, outrora afamado, apresenta-se hoje como uma miragem para aqueles que dantes se obsequiaram com infindáveis momentos nos quais as vozes do pessoal, em grupo, confidenciavam de mansinho não fosse a ocasião produzir efeitos negativos. Recordo, ainda, aqueles instantes em que o roncar dos carros, alterados para pontuais ralis, por ali passavam, presenteando os "mirones" com as suas máquinas, nas quais não poderiam faltar os apetrechados faróis de longo alcance, cujo equipamento tinha como objetivo apurar a condução dos pilotos ao longo dos percursos noturnos. Tempos maravilhosos que aleatoriamente foram tombando para o "éden" das catacumbas!

Diário do Alentejo N.º 2210 de 30/08/2024 Única Publicação

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE ALJUSTREL E ALMODÔVAR, CRL

Sede: Rua José Francisco da Silva Álvaro, 4, em Aljustrel
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Aljustrel com o número único de matrícula e pessoa colectiva 500 984 549
Capital social 5.000.000 (variável)

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

INFORMAÇÃO SOBRE A REALIZAÇÃO DE ELEIÇÕES PARA OS ÓRGÃOS SOCIAIS E ESTATUTÁRIOS

Nos termos e para os efeitos do disposto no nº 2 do artigo 2º do Regulamento Eleitoral em vigor, aprovado na Assembleia Geral de 07 de maio de 2021, informo os Associados da Caixa de Crédito Agrícola de Aljustrel e Almodôvar, CRL, (doravante Caixa Agrícola) que irão ser realizadas eleições para os Órgãos Sociais e Estatutários desta Caixa Agrícola, para o triénio 2025-2027, durante o próximo mês de janeiro de 2025, sendo para o efeito convocada, oportunamente e com a antecedência legal e estatutária, a Assembleia Geral que, entre outros pontos de agenda, conterá o ponto destinado à eleição dos Membros dos Órgãos Sociais e Estatutários desta Caixa Agrícola.

O procedimento da apresentação e admissão de candidaturas está previsto no artigo 5º do Regulamento Eleitoral, o qual se encontra disponível, para consulta, na sede da Caixa Agrícola e na sua página de internet consultável em www.creditoagricola.pt.

Em consequência e a partir da data de publicação deste meu anúncio, encontra-se em curso, nos termos do previsto no artigo 5º do Regulamento Eleitoral, o prazo para a entrega de listas candidatas às eleições aos Órgãos Sociais e Estatutários da Caixa Agrícola, prazo esse que termina às 16 horas do dia 03 de outubro de 2024.

Também e a partir da presente data, qualquer Associado, no pleno gozo dos seus direitos, poderá consultar, para fins exclusivamente eleitorais, a lista actualizada dos Associados no pleno gozo dos seus direitos, nos termos previstos nos n.º 3 e n.º 4 ambos do artigo 19.º dos Estatutos da Caixa Agrícola, bem como, querendo, solicitar-me, para esses mesmos fins, a disponibilização dessa lista, o que poderá ser efectuado através de carta a ser entregue ou enviada para a sede da Caixa Agrícola ou através de mensagem de correio electrónico para o endereço ccamaljustrel@creditoagricola.pt.

Só serão admitidas, preliminarmente, as candidaturas que, para além da respectiva entrada dentro do prazo mencionado, estejam em conformidade com o disposto nos Estatutos e no Regulamento Eleitoral da Caixa Agrícola, bem como nas demais disposições legais e normativos em vigor, designadamente na Instrução do Banco de Portugal nº 23/2018 e no Aviso do Banco de Portugal n.º 3/2020, ao abrigo do qual todos os Candidatos se deverão vincular ao cumprimento do Código de Ética e de Conduta do Grupo Crédito Agrícola e da Política de Prevenção, Comunicação e Sanação de Conflitos de Interesses e de Transacções com Partes Relacionadas do Grupo Crédito Agrícola.

Os Estatutos, o Regulamento Eleitoral, a Política Interna de Selecção e Avaliação da Adequação dos Membros dos Órgãos de Administração e de Fiscalização da Caixa Agrícola, o Código de Ética e de Conduta e a Política de Prevenção, Comunicação e Sanação de Conflitos de Interesses e de Transacções com Partes Relacionadas do Grupo Crédito Agrícola, estão disponíveis para consulta na sede da Caixa Agrícola e na sua página de internet consultável em www.creditoagricola.pt.

Igualmente, estarão disponíveis para recolha na sede da Caixa Agrícola a lista de documentos e minutas de declarações exigíveis no âmbito da legislação e dos normativos vinculativos actualmente em vigor e supra enunciados, os quais serão entregues a Associados no pleno gozo dos seus direitos devidamente identificados, podendo, também, os mesmos ser enviados por correio postal ou correio electrónico, caso tal me seja requerido através de carta entregue ou enviada para a sede da Caixa Agrícola ou através de mensagem de correio electrónico para o endereço electrónico acima indicado.

Aljustrel, 30 de agosto de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Eng.º Manuel Salvador Canijo de Quadros e Costa

Diário do Alentejo N.º 2210 de 30/08/2024 Única Publicação

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DO BAIXO ALENTEJO, EPE

AVISO

Informa-se que por deliberação do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo E.P.E. de 08/08/2024, foi publicado em no Diário da República, 2ª série, aviso nº 19041/2024 de 28 de agosto, Procedimento concursal procedimento concursal tendo, em vista o preenchimento de 1 posto de trabalho para a categoria de assistente da carreira médica especialidade de saúde pública do mapa de pessoal da Unidade Local de saúde do Baixo Alentejo E.P.E., sendo o prazo para apresentação de candidaturas de 5 dias úteis, contados a partir da data da publicação do presente aviso no Diário da República.

O Diretor do Serviço de Recursos Humanos
Vitor Barrocas Paixão

Diário do Alentejo N.º 2210 de 30/08/2024 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL DE SERPA

EXTRATO

Certifico para efeitos de publicação que, no dia 21 de Agosto de 2024, iniciada a folhas 112 do livro de notas número 5 - B, deste Cartório Notarial, foi lavrada uma escritura de justificação, pela qual PAULA ALEXANDRA FERNANDES CARTER, NIF 192.273.809, solteira, maior, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, residente na Rua do Sequeiro, 1, rés-do-chão esquerdo, em Moura, alega que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do reboque/semi-reboque, com a matrícula L-24629, marca GALUCHO, registado a favor de António Cortez de Lobão, com morada na Praça da República, em Serpa, pela apresentação zero zero zero zero zero, de treze de setembro de mil novecentos e setenta e três, a que atribui o valor de três mil euros, tendo o mesmo titular inscrito, cujo paradeiro atual desconhece, sido notificado editalmente e pessoalmente, bem como os respetivos herdeiros incertos, através das notificações avulsas, nos termos do artigo 99º, número 1, do Código do Notariado, já arquivadas neste Cartório Notarial sob os números cento e setenta e nove e cento e cento e oitenta e dois, no maço das notificações avulsas referente ao corrente ano, sendo que o mesmo é pertença da aqui justificante.

Que o referido veículo, foi adquirido pela justificante, há mais de quinze anos, em data que não pode precisar, mas aproximadamente do ano de dois mil, por compra ao mencionado titular inscrito, com a última morada conhecida em Serpa, tendo sido pago o ajustado preço, mas não tendo sido celebrado o documento de transmissão, pelo que a ora justificante não é detentora de qualquer documento que legitime o seu direito sobre o mesmo.

Que, desde aquele ano de dois mil, a aqui justificante tem possuído o referido veículo como coisa própria, cuidando dele, reparando-o e circulando com ele, à vista e com conhecimento de toda a gente, sem interrupção temporal e sem oposição de ninguém e na convicção de quem exerce um direito próprio, sendo a sua posse, pacífica, contínua e pública, pelo que o adquiriu por usucapião, título esse que, dada a sua natureza não é suscetível de ser comprovado pelos meios normais.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Cartório Notarial de Serpa, a cargo da Notária em substituição, Ana Inês Silva Lopes, vinte e um de agosto de dois mil e vinte e quatro.

O colaborador da notária, devidamente autorizado, nº 615/1
Vítor Manuel Soares

Diário do Alentejo N.º 2210 de 30/08/2024 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL DE MÉRTOLA
NOTÁRIA: DANIELA DIAS FERNANDES

EXTRATO

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada em vinte e três de agosto de dois mil e vinte e quatro, exarada a folhas TRINTA E SETE e seguintes, do livro de notas para escrituras diversas número CINCO, Fernando Manuel Figueira Barradas, NIF 195.264.355, solteiro, maior, natural da freguesia de São Jorge de Arroios, concelho de Lisboa, residente em Rua do Alto Alentejo, 167, 3º Dto., 2870-301, Montijo, declara que, com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor do prédio urbano, denominado e sito em Roncão do Meio, freguesia de Espírito santo, concelho de Mértola, composto de dois compartimentos, com a área total de trinta metros quadrados, inscrito na respetiva matriz predial urbana sob o artigo 1867.

Que o prédio se acha descrito na Conservatória do Registo Predial de Mértola sob o número mil e trezentos e o referido imóvel veio à posse do justificante por lhe ter sido doado verbalmente em dia e mês que não pode precisar do ano de mil novecentos e noventa e quatro por Sebastião João e mulher Catarina Isabel que também usava e era conhecida por Catarina Isabel Maria, seus avós, casados que foram no regime da comunhão geral de bens, já falecidos, ambos naturais da freguesia do Espírito Santo, concelho de Mértola, com última residência no Largo 1º de Maio, 12, Pêra, Silves, não tendo nunca tal contrato de doação sido reduzido a escritura pública.

Que possui o dito prédio em nome próprio há mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceu sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente da freguesia de Espírito Santo, lugares e freguesias vizinhas, traduzida em atos materiais de fruição, conservação e defesa, agindo sempre pela forma correspondente ao exercício do seu direito de propriedade, sendo por isso uma posse pública, pacífica, contínua e de boa fé, pelo que adquiriu o prédio, por USUCAPIÃO.

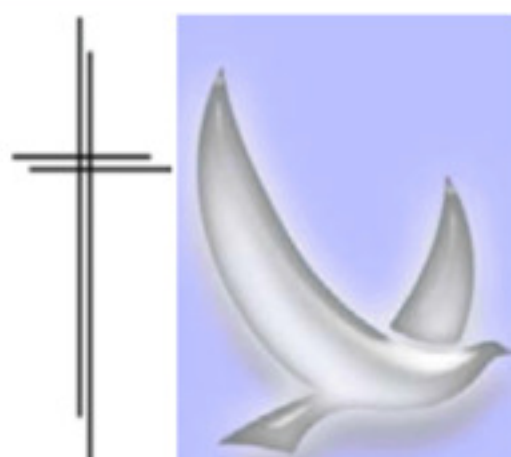
Está conforme.

Cartório Notarial em Mértola, vinte e três de agosto de dois mil e vinte e quatro.

A Notária
Daniela Maria Guerreiro Dias Fernandes

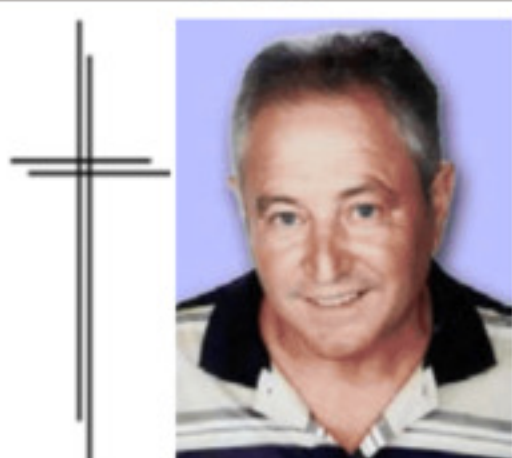
LUANDA / ANGOLA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **HELDER BORGES VEIGA**, de 31 anos, natural de Santiago - Cabo Verde, solteiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 24, no cemitério de Benfica - Luanda.

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOSÉ SERAFIM CAMILO**, de 76 anos, natural de Açoreira - Bragança, . O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 23, no cemitério de Beja

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **ANTÓNIO MANUEL CAMACHO AMEIXINHA**, de 45 anos, natural de Pedrogão - Vidigueira, casado com a Exma. Sra. D. Andreia Filipa Modesto dos Vultos. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 25, das Casas Mortuárias de Beja , para o cemitério desta cidade.

LISBOA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **AMÉRICO ARMANDO SILVA**, de 80 anos, natural de Curopos - Vinhais, casado com a Exma. Sra. D. Ana Firmina dos Reis Silva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 26, da Igreja Paroquial do Lumiar, para o cemitério dos Olivais.

Às famílias enlutadas apresentamos as nossas mais sinceras condolências

Santa Clara de Louredo

†. Faleceu o Exmo. Sr. Francisco Páscoa Horta, 95 anos, nascido a 21/12/1928, viúvo, natural de Santa Clara de Louredo - Beja.
Óbito: 24/08/2024
O funeral realizou-se no dia 25/08/2024 para o cemitério de Santa Clara de Louredo.
A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.

Beja

†. Faleceu o Exmo. Sr. José Manuel Teixeira Palma, 62 anos, nascido a 07/02/1962, solteiro, natural de Santana de Cambas - Mértola.
Óbito: 27/08/2024
O funeral realizou-se no dia 28/08/2024 para o cemitério de Beja.
A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.

Diário do Alentejo N.º 2210 de 30/08/2024 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA
NOTÁRIA: CARLA MARQUES

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Carla Isabel do Nascimento Marques Martins, Notária em regime de subs-tituição, em Beja, na Rua Luís de Camões, número 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que no dia vinte e um de agosto de dois mil e vinte e quatro, a folhas sessenta e cinco, do livro de notas para escrituras diversas, número Oitenta e Seis-C, deste Cartório foi outorgada uma escritura de justificação no seguinte teor em que compareceu: a) Ana Maria Lucas Ameixas, NIF 216 785 995, viúva, natural da freguesia de Santa Maria, concelho de Serpa, residente na Rua do Cano, nº45, em Vila Nova de São Bento, Con-celho de Serpa, titular do cartão de cidadão número 11114102 8ZY2, válido até 01 de junho de 2028, emitido pela República Portuguesa; b) Filipa Alexandra Lucas Pereira, NIF 260 646 776, solteira, maior, natural da freguesia de Vila Nova de São Bento, concelho de Serpa, residente na Praça da Cativa, lote 4, 2º direito, Santiago do Cacém, titular do cartão de cidadão número 14626734 6ZX4, valido até 14 de maio de 2029, emitido pela República Portuguesa; c) Nuno Miguel Lucas Pereira, NIF 266 707 971, solteiro, maior, natural da freguesia de Vila Nova de São Bento, concelho de Serpa, residente na Rua do Cano, nº45, em Vila Nova de São Bento, Concelho de Serpa, titular do cartão de cidadão número 15998458 0ZW5, válido até 29 de maio de 2029, emitido pela República Portuguesa.

Que declaram que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do prédio rústico denominado "Califórnias Velhas", sito em Vila Nova de São Bento, da União de freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale Vargo, concelho de Serpa, com a área de um hectare mil setecentos e cinquenta centiares, composto por terra de semear, confronta a Norte e a Sul com António Lopes Colaço, a Nascente com Francisco da Cruz Velhinho e a Poente com Caminho, descrito na Conservatória do Registo Predial de Serpa sob o número cinco mil e vinte e três (freguesia de Vila Nova de São Bento), com a aquisição aí registada, em comum e sem determinação de parte ou direito, a favor de João Francisco e mulher Barbara Maria Cubaixo, casados entre si sob o regime da comunhão geral de bens, e de Luís Manuel Serrano e mulher Isabel Lanita Pires, casados entre si sob o regime da comunhão geral de bens, conforme apresentação quatro, de dezasseis de agosto de mil novecentos e sessenta e dois, prédio inscrito na matriz predial rústica, sob o artigo 18, da secção J, da mencionada união de freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale Vargo, com o valor patrimonial inicial de €37,31 (trinta e sete euros e trinta e um cêntimos), igual ao atribuído.

Que por volta do ano de 1994, no mês de março, em dia que não conseguem precisar, foi a totalidade do prédio adquirido aos então possuidores, João Francisco e mulher Barbara Maria Cubaixo e a Luís Manuel Serrano e mulher Isabel Lanita Pires, por compra meramente verbal, pela justificante Ana Maria Lucas Ameixas, e por seu marido José Fernandes Gonçalves Pereira, atualmente falecido, casados que foram entre si em primeiras núpcias de ambos, sob o regime da comunhão de adquiridos. Nessa data foi paga a totalidade do preço, cujo valor não sabem precisar, tendo ficado acordado que a correspondente escritura seria outorgada logo que possível. Que, desde então, se encontram na posse do prédio, posse essa que exerceram a partir desse momento, usufruindo do respetivo prédio, com aproveitamento de todas as utilidades do mesmo, cultivando-o, colhendo os frutos e amanhando as terras, com ânimo de quem exerce um direito próprio, e de boa fé, por ignorar usar direito alheio; pa-cificamente porque a posse foi adquirida e exercida sem qualquer violência; contínua porque foi feita sem interrupções e publicamente, porque foi exercida à vista e com conhecimento de toda a população de Vila Nova de São Bento. Posteriormente, no dia cinco de outubro de dois mil e vinte e três, na freguesia de Beja (Santiago Maior e São João Batista), concelho de Beja, faleceu José Fernandes Gonçalves Pereira, natural que foi da freguesia de Aldeia Nova de São Bento, concelho de Serpa, no estado de casado com Ana Maria Lucas Ameixas, em primeiras núpcias de ambos, sob o re-gime da comunhão de adquiridos, com última residência habitual na Rua do Cano, nº 45, em Vila Nova de São Bento, Serpa, tendolhe sucedido como únicos herdeiros a sua cônjuge Ana Maria Lucas Ameixas, e os seus filhos, Filipa Alexandra Lucas Pereira e Nuno Miguel Lucas Pereira, os aqui justificantes.

Que, porém, em consequência da compra verbal, e por não terem tido possibilidades de celebrar a correspondente escritura definitiva, por decorrer do tempo e a perda de contato com os antigos possuidores, nunca eles requerentes conseguiram assim obter título formal que lhe permitisse o respetivo registo, na citada Conservatória.

Que esta posse em nome próprio, de boa-fé, pacífica, continua, publica e neste caso continuada, por mais de vinte anos, conduziu à aquisição do referido prédio, por usucapião que invocam, justificando o seu direito de propriedade para o efeito de registo, dado que esta forma de aquisição, neste caso, não pode ser comprovada por quaisquer outros títulos formais extrajudiciais, embora o tivesse tentado.

Está conforme o original na parte a que me reporto.

Beja, aos 22 de agosto de 2024.

A Notária
Carla Isabel do Nascimento Marques Martins

Diário do Alentejo N.º 2210 de 30/08/2024 Única Publicação

RÁDIO VOZ DA PLANÍCIE

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA-GERAL EXTRAORDINÁRIA

Sede da Cooperativa
Dia 3 de outubro de 2024, pelas 17:30 Horas

Em conformidade com o estipulado nos Estatutos da Voz da Planície – Cooperativa Cultural de Animação Radiofónica, CRL, convoco V. Exa. para a Assembleia Geral Extraordinária que se realizará no próximo dia 3 de outubro, quinta-feira, pelas 17:30 Horas, na sede desta Cooperativa, e que terá a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Eleição dos Corpos Sociais para o quadriénio 2024/2027.

Com os melhores cumprimentos.
Beja, 3 de agosto de 2024.

O Presidente da Assembleia-Geral
Manuel Fernando Vicente Silva

NOTAS:

- *Conforme determinam os Estatutos, as Listas concorrentes ao Ato Eleitoral, deverão ser entregues nos serviços administrativos até ao dia 19 de setembro de 2024, para, após verificada a elegibilidade de todos os membros, serem afixadas oito dias antes do Ato Eleitoral;*

- *Passados 30 minutos sobre a hora marcada, a Assembleia realizar-se-á com qualquer número de cooperantes, que estejam presentes.*

HISTÓRIA

Água de Peixes: Histórias de um lugar onde nascia gente (II)

JOÃO TABORDA PROFESSOR

"Eram terras boas… e com a muita água que havia… só não davam era ouro!"

António Letras, 96 anos, natural de Água de Peixes

AQUEDUTO DE "OLHO DE PEDRO" E REGADIO … Falar de regadio em Água de Peixes obriga a algumas considerações sobre as estruturas que foram sendo instaladas na herdade para captação, condução e armazenamento de água. É por um aqueduto que, no decorrer dos séculos, o precioso líquido tem sido conduzido da nascente de "Olho de Pedro" até ao interior da quinta… O "cano velho"… assim lhe chama o senhor António Letras, que ao longo da sua vida em Água de Peixes recorda, tanto as centenárias estruturas hidráulicas (poços, canais, caixas, tanques, etc), que sempre se lembra de ver, como os poços e os novos sistemas de adução, associados ao incremento do regadio na herdade e a cuja abertura e instalação assistiu. O "cano velho" terá uma extensão de 400 metros. Os últimos 50 metros que antecedem a sua entrada na quinta estão à vista. A limpeza de silvados, feita no final da primavera de 2020, revelou mais 100 metros do velho aqueduto, construído em sólida alvenaria e selado por robustos blocos de pedra. Nessa altura, à direita da pronunciada curva que a estrada vinda de Alvito ali desenha, num espaço compreendido entre o "cano velho" e o leito do ribeiro de Água de Peixes, foram igualmente postas a descoberto possantes estruturas, também em alvenaria (para contenção de caudais?). Porque o solar de Água de Peixes é um imóvel classificado como monumento nacional, porque a sua história e vida estiveram desde sempre intimamente dependentes da água e do modo como foi captada e até ali conduzida, faria sentido alargar a sua zona de proteção, de forma a incluir nesse perímetro as diversas estruturas hidráulicas referidas, acautelando, assim, a sua salvaguarda…

A QUINTA… "LAGOS", HORTA E POMAR No interior da quinta murada, que tem uma área de cerca de 3,5 hectares, a água transportada pelo "cano velho" alimenta dois enormes tanques… os "lagos"… como são conhecidos por quem de perto conviveu e trabalhou na herdade, como o casal António e Joaquina Letras. O "lago" maior (a que chamarei lago 1), com 100 metros de comprimento, nove metros de largura e uma profundidade média de 1,5 metros, tem uma capacidade de cerca de 1350m3. O outro (lago 2), que acompanha toda a fachada poente do paço, tem 63 metros por seis metros. Na década de 1950, a quinta tinha um hortelão, guardião de um éden onde tudo crescia, porque de "lagos", quase mares, brotava abundante a fresca linfa… Um laranjal partilhava espaço e cuidados com muitas outras árvores de fruto… diospireiros, pereiras, ameixeiras, romaneiras, nespereiras e abrunheiros, dos amarelos, precisa, ainda orgulhosa, a dona Joaquina. Nesse tempo, as parreiras carregavam como só visto, vergadas pelo peso de cachos úberes. E a horta… um mimo, com tudo, recorda saudosa… Também flores… que cresciam por todo o lado, combinando-se numa cromática promiscuidade, espargindo o seu perfume sobre canteiros de feijão, pimentos, tomate e abóboras, pepinos e tudo o mais que se quisesse. "Só vendo, João… só vendo", repete-me uma e outra vez, com o carrego do pesar na voz e o olhar posto lá longe, como quem vê desaparecer um paraíso… que noutras épocas, para além de lugar de trabalho árduo, era um refrescante cenário de recreio. Só os séculos XV e XVI, nos tempos de D. Álvaro de Bragança e de seu filho e neto, D. Rodrigo de Melo e D. Francisco de Melo, assim o terão visto em todo o seu encanto, de frondosas sombras, silêncio e brisas, embalados pela melodia das águas que jorrando de bicas… correndo frescas por um labirinto de canais tudo irrigavam… Mas regressemos ao século XX.

A HORTA DOS PISÕES Para além desta horta, íntima do paço, existia uma outra, muito perto já da ponta sudeste da herdade… a horta dos pisões… Um recanto de Água de Peixes que guarda ainda memórias deliciosas e resilientes vestígios materiais, que importaria preservar. Tirando partido das condições favoráveis – várzea de solo fértil e rica de água –, aí se instalou um pequeno centro de produção agrícola, com o seu núcleo habitacional, ao redor do qual se organizava horta e pomar, vinha e olival, rodeados por um anel de cereais, como deu conta Gerardo Pery já no final do século XIX (1883). Como o seu nome teima em não deixar esquecer, esta horta localizava-se no coração do complexo de pisões do duque. Terá com eles coexistido e convivido no auge da sua atividade? Terá ajudado a alimentar as famílias vizinhas neles residentes? É possível. Gravado num dos pilares que preservam o local onde se abriria o amplo portão da horta, indiciando, assim, que seria cercada, ainda pode ler-se… 1874… ano de construção ou de manutenção daquela entrada, sita na banda poente da várzea, à beira do velho caminho que por ali passa, na sua aproximação à monumental ponte de Vila Ruiva. Mais próximo de nós, o senhor António Letras lembra-se bem do Joaquim Pedro, conhecido por "Zé da tia"… porque se juntou com uma sua parente! O "Zé da tia" era quem, no tempo do doutor Marques, trazia arrendada a horta dos pisões. Vem a propósito dizer que o ribeiro de "Olho de Pedro" corria pelo meio da várzea, passando por dentro da horta. O doutor Marques, ao que parece por insistência do "Zé da tia", que seria muito persuasivo nas suas reivindicações, mandou-o desviar numa extensão de mais de 300 metros para a posição que atualmente ocupa, na extrema oriental da várzea. O tempo, contudo, não foi ainda suficiente para apagar por completo o traçado do antigo leito, que se mantém visível, tanto em imagens do Google Earth, como a quem visita o terreno. Denunciaram-no igualmente, quase ocultos no meio do matagal, dois delicados arcos em tijolo. Pertencem a uma pequena e antiga ponte, por onde em tempos se transpunha o ribeiro… que já por ali não passa.

Hoje, a horta dos pisões, com as

D.R.

D.R.

suas casas, poço e nora, ponte, fontanário e o mais que a brenha esconde, é um mundo de ruínas arrendado ao abandono…

O LARANJAL FORA DE MUROS E A "PRESA"

Mas a abundância de água permitia que em Água de Peixes se regasse muito mais. Na década de 1960 foi plantado um grande laranjal… Mais de 1500 árvores, numa área de 3,5 hectares. O senhor António atribui a iniciativa ainda a Nuno Marques. Estaria já plantado no início da década, como o confirma a Carta Agrícola e Florestal de Portugal. A sua presença é marcante em fotografias aéreas de 1979…. Começava junto ao muro da quinta e estendia-se para sul, ladeado a oeste pelo ribeiro de "Olho de Pedro" e a nascente por uma alameda de vetustos cedros, que ainda hoje leva à ermida de Nossa Senhora da Graça. Chegava até perto do tanque que o senhor António identifica como a "presa"… Este tanque, com 40 metros por oito metros e uma profundidade média de 0,90 metros tem uma capacidade de quase 300m3. Proveniente do lago 2, a água entrava no laranjal através de uma estrutura que, em parte do seu trajeto, apresenta uma tipologia, e por certo antiguidade, similares às do "cano velho". Suportando-se nela, e evidenciando um estado de abandono semelhante àquele a que acabou votado o próprio laranjal, ainda se veem as modernas caleiras em fibrocimento que então conduziam a água até ao pomar. Chegada aí, circulava em regos abertos no solo. E era com a mesma mestria, gestos e energia conhecidos de há muito, que homens e mulheres, a enxada e braços, abrindo e fechando comportas de terra, levavam a água ao pé de cada árvore. A cada trabalhador cabia regar um certo número de laranjeiras, organizadas em tabuadas… esclareceu a dona Joaquina. É fácil imaginar o que ali seria abril… o verde vivo e denso do arvoredo de brancos adornos perfumando… outro paraíso! A produção era vendida na árvore e a apanha da laranja feita por gente de Albergaria dos Fusos. Depois o laranjal foi abandonado. Uma brenha medonha de impenetrável foi tomando conta da lenha morta em que se transformou… até há poucos meses. Mas antes de regressarmos à conversa sobre o regadio, detenhamo-nos ainda na "presa"… como o senhor António se referiu ao tanque no limite sul do desaparecido laranjal. Atendendo a que "presa" tem significado próximo de "represa" (barragem ou açude), deixo a hipótese de a associação desse tanque a uma "presa" poder explicar-se pela existência de uma antiga barragem naquele local. Sustento esta suspeita numa fotografia aérea de 1979 em que se vê, com uma orientação oeste-este, uma indiscreta estrutura retilínea transversal ao ribeiro de "Olho de Pedro". Podem ser as marcas últimas no terreno de uma antiga… represa… entretanto desaparecida. Mas não completamente, porque por perto subsistem, "arrumados" ao longo de um alinhamento de centenárias oliveiras, enormes blocos, feitos de pedras firmemente argamassadas, que poderão ser o derradeiro vestígio de um antigo paredão, entretanto desmantelado, porque estorvo para os trabalhos agrícolas. Diogo e Feio (Carta Arqueológica do Concelho de Alvito, 2004) sinalizam, mil metros mais a sul, na horta dos pisões, o que dizem ser uma "barragem em terra batida, eventualmente romana". Não discuto a cronologia proposta. Deixo, todavia, a pergunta… não poderão estas estruturas estar relacionadas com o complexo de azenhas/pisões que aqui existiu e de que subsistem ainda inúmeros vestígios ("Diário do Alentejo", 15 de março de 2024, pp.14-15)? Importaria prosseguir a investigação com um mais fino trabalho de campo, mas tal está hoje inviabilizado pela impossibilidade de acesso ao local.

"A monda era tarefa de mulheres. Desde abril-maio até final de agosto uma bomba de cinco polegadas tirava água de "Olho de Pedro"… dia e noite. Só depois se deixavam secar os tanques, para o arroz ser ceifado em setembro. A colheita era feita por ranchos de homens e mulheres recrutados nas povoações vizinhas. Mais tarde passou a fazer-se com ceifeira mecânica".

TANQUES DE ARROZ E LAVRAS DE TOMATE

Concluamos, pois, esta breve incursão pelo regadio em Água de Peixes. A Carta Agrícola e Florestal de Portugal, que tem vindo a ser referida, sinaliza aqui perto de 30 hectares de regadio, repartidos por duas áreas. Uma com culturas de regadio (sem especificação), que perfazem perto de 15 hectares e uma outra de arroz, também com cerca de 15 hectares. A memória fresca e fina do senhor António e de sua esposa dona Joaquina, revelou-se uma vez mais preciosa… Para aumentar a área de regadio, ao tempo da administração do doutor Marques e do seu filho, foram abertos novos poços e instaladas no terreno novas caixas e canalizações para armazenamento e condução da água. De acordo com o senhor António Letras, o arroz já seria cultivado em Água de Peixes na primeira metade da década de 1940 [confirma-o a Carta Militar de Portugal, Folha 488 (Alvito), de 1944]. Mas o forte aconteceu já com Nuno Marques e as administrações seguintes. No final da década de 1970 cultivava-se ainda arroz em Água de Peixes. A sua área terá chegado perto dos 20 hectares, ocupando terrenos da "varge" (várzea = planície chã) tanto do lado direito da estrada de Albergaria dos Fusos, à entrada do núcleo habitacional e agrícola de Água de Peixes, como do seu lado esquerdo, quase até à "Horta dos Pisões". No início eram o doutor Marques e o seu filho quem o cultivava. Depois passou a arrendar-se o terreno a um homem de Couço (Coruche), tirando-se partido de outros saberes e experiência. Os trabalhos começavam com a preparação dos tanques e o nivelar das terras. A sementeira cabia aos homens. A monda era tarefa de mulheres. Desde abril-maio até final de agosto uma bomba de cinco polegadas tirava água de "Olho de Pedro"… dia e noite. Só depois se deixavam secar os tanques, para o arroz ser ceifado em setembro. A colheita era feita por ranchos de homens e mulheres recrutados nas povoações vizinhas. Mais tarde passou a fazer-se com ceifeira mecânica. A herdade chegou a ter duas máquinas debulhadoras e um caterpillar para estes trabalhos. Após debulhado e ensacado, camionetas de uma empresa, que o senhor António já não recorda, vinham à herdade levantar o arroz.

Outras culturas de regadio que chegaram a ter alguma expressão, tanto em área como em produção, foram as do milho, do feijão e do tomate. Chegaram a fazer-se grandes tabuadas de feijão na várzea, logo por baixo da ermida. As lavras de tomate, que ganham expressão após o auge do arroz, ocupavam terrenos junto ao núcleo habitacional de Água de Peixes, do lado direito da estrada que vem de Albergaria dos Fusos. No tempo dos irmãos Albano, de Évora, que estiveram à frente da herdade após a saída de Nuno Marques, a várzea era arrendada para tomate. Era gente de Albergaria e de Vila Ruiva que vinha para a apanha. O tomate era vendido para a indústria, recorda ainda o senhor António Letras, que acrescenta… "por campanha faziam-se duas a três carradas" (5000 a 6000 quilogramas de tomate por carrada). E remata… "Eram terras boas… e com a muita água que havia… só não davam ouro!...".

Foi ainda na década de 1960 que Água de Peixes, enquanto pequeno núcleo populacional, terá começado a esmorecer. Após o doutor António José Marques e seu filho, outros administradores e rendeiros por ali passaram. Mais tarde, em 1974, na sequência do 25 de Abril e da Reforma Agrária, a herdade foi ocupada. Após a devolução das terras regressou aos seus proprietários. Hoje, está na posse das duas filhas de Maria do Carmo Vilar Figueiredo Cabral da Câmara, esposa de Enrique Emo Capodilista, o "conde novo". E se é verdade que os dois "lagos" continuam rasos, se é verdade que quem passa no terreiro fronteiro ao paço ainda se emociona com a fresca cantata no tanque do velho pátio, não é menos verdade que o romance que terra e água aqui viveram… esse já não é senão desencantada lembrança. Água de Peixes é hoje um lugar quase divorciado da água, vivendo da cortiça, da caça e da criação de gado.

Por isso… para que nem tudo se esfume em cinza e nada!!!... estas linhas… a avivarem tempos em que "Olho de Pedro" foi fonte e vida… num lugar onde nascia gente…

ETC.

ARTES

LUÍS MIGUEL RICARDO

DORA NUNES GAGO VENCE GRANDE PRÉMIO DE LITERATURA DE VIAGENS MARIA ONDINA BRAGA, DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES, DO ANO DE 2024

Dora Nunes Gago nasceu em São Brás de Alportel, a 20 de junho de 1972. Aos 18 anos trocou o Algarve pelo Alentejo, para dar sequência aos estudos na Universidade de Évora. Concluída a licenciatura em Português e Francês (Ensino), começou a lecionar em escolas da região, conciliando o trabalho com o mestrado em Estudos Literários Comparados, na Universidade Nova de Lisboa. Em 2001, decidiu partir à descoberta de outras geografias e o Uruguai foi o destino, onde desempenhou, durante um ano, as funções de Leitora do Instituto Camões na Universidade da República Oriental do Uruguai, em Montevideu.
De regresso a Portugal, fez doutoramento e fixou-se em Vila Nova da Baronia, localidade do concelho de Alvito. Porém, a vontade de indagar por outros territórios, a vontade de abraçar outros mundos, continuou a desassossegá-la e, em 2011, um projeto de pós-doc financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e desenvolvido na Universidade de Aveiro, levou-a para a Universidade de Massachusetts Amherst, nos Estados Unidos da América, onde foi *short term visiting scholar*. E porque o desassossego da descoberta lhe continuou a fervilhar no espírito, fez-se culturalmente nómada, trocou o ocidente pelo oriente, tornou-se professora auxiliar, depois associada e diretora do departamento de Português da Universidade de Macau, território onde permaneceu até ao final de 2021, embora tenha ainda trabalhado para a Universidade de Macau até ao fim de agosto de 2022. Regressou à Europa, regressou a Portugal, regressou ao seu recanto de Alentejo, na ressaca da pandemia. Na bagagem trouxe as culturas do mundo, as vivências do mundo, as emoções do mundo. Na bagagem trouxe vontade de partilhar todo esse mundo guardado dentro de si. Essa partilha fez-se com palavras em forma de literatura de viagens. A essa partilha chamou Palavras Nómadas**. E** Palavras Nómadas **foi o título premiado pelo júri do Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga da Associação Portuguesa de Escritores, do ano de 2024.**

D.R.

Palavras Nómadas **é um livro de crónicas que são também retalhos de vida dispersa por vários pontos do mundo. São uma espécie de nó para atar os dias, os anos, as vivências por vários espaços, uma forma de compreender o Outro. Enfim, 50 crónicas que assinalam 50 anos de vida".**

Como foi receber a notícia de tamanha distinção literária?
Foi uma enorme alegria e emoção, precedida de uma certa incredulidade no início.

Palavras Nómadas. Que obra é esta?
Palavras Nómadas **é um livro de crónicas que são também retalhos de vida dispersa por vários pontos do mundo. São uma espécie de nó para atar os dias, os anos, as vivências por vários espaços, uma forma de compreender o Outro. Enfim, 50 crónicas que assinalam 50 anos de vida. O livro começa com o voo para Montevideu, em 2001 e as peripécias que o envolveram, nomeadamente o facto de a mala se ter extraviado e ter chegado apenas com uma mochila pequenina que levava comigo. Depois das várias aventuras pelo Uruguai, são relatadas as de Macau, mas também as acontecidas em múltiplas viagens pela Ásia, e também pela Europa e Estados Unidos, onde ia com alguma frequência, em trabalho, para participar em conferências ou fazer investigação. Além disso, há uma dimensão muito importante nas crónicas que é a dimensão da literatura, os livros e os autores que me vão acompanhando pelas viagens e pela vida, que vão desde os autores portugueses como Maria Ondina Braga, Lídia Jorge, Miguel Torga, José Rodrigues Miguéis, Vergílio Ferreira, mas também Pamuk, Lovecraft, Clarice Lispector, Olga Tockarzurk, e tantos outros. No fundo, a**

O PERCURSO LITERÁRIO DE DORA NUNES GAGO

Para além da obra vencedora do Grande Prémio de Literatura de Viagens da APE, Dora Nunes Gago tem um percurso vasto na literatura, com obras publicadas e prémios atribuídos. Principais obras: Planície de memória **(1997);** Sete Histórias de gatos **(em coautoria com Arlinda Mártires, 2004);** A Sul da escrita, contos **(2007);** Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga **(2008),** As Duas faces do Dia **(2013);** Travessias-contos migratórios **(2014);** A Matéria dos sonhos **(poesia, 2015);** Uma Cartografia do olhar: exílios, imagens do estrangeiro e intertextualidades na Literatura Portuguesa **(2020);** Floriram por engano as rosas bravas **(2022). Principais distinções: dupla vitória no concurso "Descobre a tua Terra", promovido pela Comissão dos Descobrimentos e pelo IPJ (Instituto Português da Juventude), tendo o prémio do ano de 1991 a levado a viajar até Inglaterra, Macau e Hong Kong, naquele que diz ter sido o seu batismo de voo; o Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca, vencido no ano de 2006.**

literatura é feita de vida e a vida alimenta-se dela.

Seria possível existir **Palavras Nómadas** sem o percurso "nómada" de Dora Gago?
Não, não seria. Neste caso, a itinerância, o movimento, a viagem, são essenciais. Michel Onfray na sua obra Teoria da Viagem**, uma poética da geografia, começa por aludir a uma divisão dos seres humanos entre nómadas e sedentários, herdeiros de Abel ou de Caim, dos pastores ou dos agricultores. Claro que ninguém é completamente nómada, nem inteiramente sedentário, mas haverá tendências dominantes. No meu caso, sobretudo durante os dois anos de confinamento forçado num território de 28km2, como Macau, aprendi a valorizar muito a liberdade de nos movimentarmos. Olga Tockarzurk, no livro Viagens, refere que é do movimento que colhe a energia para escrever. Identifico-me também com essa ideia.**

Como foi essa experiência de viver a pandemia na "pátria génese da pandemia"?
A experiência da covid zero foi realmente dura. As restrições impostas eram muito rígidas. Todos os dias, antes de sairmos de casa, tínhamos de preencher um questionário, no qual declarávamos que não tínhamos febre, nem tosse e mais uma série de coisas. As respostas geravam um código verde que tínhamos de mostrar à entrada de todos os edifícios, estabelecimentos, enfim em todos os lugares e meios de transporte. Além disso, era-nos sempre medida a temperatura. Se houvesse um único caso suspeito era tudo fechado, o bairro podia ficar interdito durante semanas, as pessoas trancadas e toda a população (perto de 700 mil habitantes) era testada em massa, durante umas 48 ou 72 horas, no máximo. A testagem era obrigatória. Estas coisas seriam impensáveis na Europa, por exemplo. Os trabalhadores estrangeiros se conseguissem sair de Macau, já não poderiam regressar. Por outro lado, os residentes que regressassem a Macau tinham de fazer quarentenas de três semanas, fechados em hotéis, nos quais eram continuamente testados.

Como é que os olhos do escritor percecionam todas estas vivências do mundo para as transformar em literatura? É espontâneo, é treino, é vontade?
Penso que é um pouco das três coisas. Há uma confluência entre a espontaneidade e a vontade, e depois tem de surgir o treino, o trabalho. Toda a escrita é sempre um trabalho de oficina que se prepara através de muitas leituras, que funcionam como substrato. Depois, como dizia o escritor brasileiro Ariano Suassuna, "o que é ruim de viver, é bom de contar". Há crónicas que partem de experiências duras que tentei vestir de humor, pois o humor também pode funcionar como um escudo que nos protege das agruras do quotidiano.

De todas as vivências de mundo experimentadas, que momentos foram mais marcantes?
É um pouco difícil escolher vivências marcantes, pois quando se vive num lugar onde a comunicação é difícil, como acontece em Macau ou na China, as atividades diárias mais simples são feitas de aventuras. Tudo é aprendizagem e descoberta. Tudo marca. Para se chegar a algum lugar tem de se levar a foto, o nome em chinês e pensar em não sei quantas estratégias. A comunicação é a base de tudo e quando falta gera-se o caos. Mas posso destacar algumas situações. Uma delas aconteceu na China, em Hangzhou, onde fui sozinha passar um fim de semana alargado. Tinha planeado ir dar um passeio de barco pelo West Lake e fiquei muito feliz por ter conseguido chegar ao porto, comprar o bilhete e embarcar. O que eu desconhecia era que o West Lake tinha 50 ilhas. Então o barco andou meia hora, parou na ilha, toda a gente saiu, eu também saí. A seguir o barco desapareceu e não apareceu mais nenhum. Passei horas a vaguear, enquanto anoitecia e chovia. Tinha um telemóvel sem bateria (se a tivesse também não teria a quem ligar), perguntei a dezenas de pessoas o modo de voltar para terra, para o hotel e ninguém me sabia dizer. Achei que ia ficar o resto da minha vida nessa ilha perdida. Até que encontrei uma guia chinesa com dois casais ocidentais e fui pedir ajuda, pois certamente falaria inglês e saberia a maneira de sair dali. Até ela teve dificuldades, mas lá me salvou. Essa aventura inspirou-me um conto do livro Floriram por Engano as Rosas Bravas**. Depois, houve o deslumbramento de ver o Templo do Angkhor Wat , em Siem Reap no Camboja, a Muralha da China ou a cidade de Varanasi na Índia, onde fui em 2022, para participar num festival literário da Longa Noite das Literaturas Europeias.**

Voltando à obra vencedora. O texto está publicado num formato diferente do habitual. Quer deslindar o conceito que está por detrás da singularidade física do livro?
Palavras Nómadas**, tal como o anterior,** Floriram por Engano as Rosas Bravas**, foram publicados pelas Edições Húmus na coleção12catorze. Trata-se de uma coleção de bolso, dirigida por Francisco Guedes, cujo objetivo era publicar livros que custassem tanto ou menos do que um maço de tabaco. E é isso o que acontece, os preços oscilam entre os 3 e os 5 euros. Neste momento, a coleção conta com cerca de duas centenas de livros publicados, pautados pela qualidade. Infelizmente, a divulgação acaba por não ser a que devia, pois o mercado editorial é dominado pelas grandes editoras. Os outros dificilmente chegam às livrarias, embora possam ser comprados *on line*.**

Que importância tem este prémio para o consolidar do seu percurso como escritora?
É sobretudo uma grande alegria e um reforço muito positivo. Quanto ao resto, o futuro o dirá.

Sendo membro da Assesta - Associação de Escritores do Alentejo, que importância pode ter esta sua distinção individual para a associação?
Sinceramente, espero que possa ter alguma importância, que contribua também para a divulgação da Assesta.

Para quando o próximo projeto de viagem?
A próxima grande viagem será em outubro para ir a Macau (mas com bilhete de ida e volta) para apresentar precisamente o Palavras Nómadas **e tratar de outros assuntos.**

E o que está na manga da escritora Dora?
Por agora, há um romance e um livro de poemas (concluídos) e, também, um de crónicas, em construção.

CM CUBA

FEIRA ANUAL DE CUBA ATÉ SEGUNDA-FEIRA

A Feira Anual de Cuba, que neste ano comemora 89 edições, teve início ontem, quinta-feira, e prolonga-se até ao próximo dia 2 de setembro, segunda-feira. Depois do concerto de Maninho a abrir as festividades, o destaque de hoje vai para a Festa M80. Amanhã, sábado, será a vez de Álvaro de Luna subir a palco, com o domingo, dia 1, reservado à fadista Mariza. O último dia do evento, segunda-feira, será animado pela banda 300 and Friends. Na passada edição do "Diário do Alentejo", o presidente da Câmara Municipal de Cuba, João Português, referia que os cinco dias do evento seriam uma celebração da "identidade do seu povo", assumindo-se, ao mesmo tempo, como um verdadeiro ponto de reunião "entre diferentes gerações de cubenses, proporcionando o reencontro de familiares e amigos", que regressam à sua terra, "propositadamente, para este período de festa, com todo o significado e simbologia" que o mesmo representa". O autarca assume também o orgulho ao "ver passar, de geração em geração", o testemunho cultural. "Os jovens do concelho esperam, ansiosamente, por esta altura do ano". O evento, que é, "sem dúvida, o momento anual festivo mais importante e mais acarinhado pelos cubenses", reveste-se, assim, de grande importância para a defesa da identidade patrimonial do território, através da "essencial" preocupação em manter e valorizar diferentes traços identitários. "Para além da mostra e venda de produtos artesanais e da, imprescindível, presença do cante alentejano, a Feira Anual de Cuba promove, há mais de 20 anos, um dos produtos mais característicos da região – o pão –, trazendo até nós diversos produtores, vindos de vários pontos da região e do País". Como pontos altos do certame surgem a tauromaquia, com a realização de garraiadas, tourada à vara larga e a "tradicional corrida de touros à portuguesa", mas também a realização, inédita, da primeira edição da Festa do Nosso Vinho, que irá juntar na Feira Anual de Cuba um conjunto de produtores, "que ali vão mostrar, e dar a provar, o que de melhor se faz no território, no que diz respeito a este outro produto tão típico".

"FÊRA DE BARRANCOS" TERMINA AMANHÃ

As festas em honra de Nossa Senhora da Conceição, também denominadas como "Fêra de Barrancos", e que tiveram início na passada quarta-feira, 28, terminam amanhã, sábado, 31. Nos dias que restam da "Fêra", destaque para a animação de hoje, 30, a cargo de José de La Plaza (22:00 horas), Orquestra Nueva Onda Show (00:30 horas) e *DJ* Rufino (04:00 horas). Amanhã, último dia do evento, atuarão Chaito & Palosanto (22:00 horas), Calle Botica (00:30 horas), Orquestra Nueva Onda Show (02:00 horas) e o JeyCarlex (05:00 horas). Quanto aos festejos taurinos, os mesmos acontecem às 18:00 horas. As iniciativas dividem-se entre a praça da Liberdade e o Quintalão de Festas.

D.R.

CAMINHAR E OBSERVAR AS ESTRELAS

"Vamos observar as estrelas" é o mote da atividade que vai decorrer hoje, sexta-feira, na Póvoa de São Miguel, concelho de Moura, integrada no conjunto de caminhadas e passeios intitulado "Pelos Campos de Salúquia". Em comunicado, a câmara municipal, que promove a caminhada, em parceria com a Junta de Freguesia de Póvoa de São Miguel, explicou que a iniciativa tem partida agendada para as 21:00 horas e incluirá um percurso de 8,5 quilómetros. A caminhada, gratuita, mas com inscrição prévia, vai ser guiada por Dinis Cortes (Wildscape) e António Montezo, possibilitando aos participantes localizarem as representações dos signos e identificarem a Via Láctea.

D.R.

"SETEMBRO, UMA IMERSÃO CULTURAL" EM ODEMIRA

A Câmara de Odemira volta a promover a iniciativa "Setembro, uma imersão cultural", com o objetivo "de dar voz à diversidade cultural e proporcionar diferentes manifestações culturais ao público e descentralizar a programação". Assim, nos dias 1, 6, 7, 8 e 13 de setembro, decorrerá, em várias localidades do concelho, o Festival 7 Sóis 7 Luas, que neste ano assinala 25 anos de parceria com o município. No dia 5, a Biblioteca Municipal José Saramago de Odemira comemora 24 anos. Para assinalar a data, a Biblioteca "sairá à rua e fará a festa de aniversário no jardim Sousa Prado, com atividades para toda a família". Entre os dias 6 e 8, prestar-se-á homenagem à Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Odemira, e no dia 8 assinala-se o feriado municipal, estando reservado, com início às 21:30 horas, no jardim ribeirinho de Odemira, um concerto com Resistência. A 21 terá lugar o encerramento das comemorações do centenário da primeira viagem aérea Portugal – Macau, em Vila Nova de Milfontes, e, entre os dias 27 e 28, regressa o Festival Tass Jazz, no jardim da Elsa, em São Teotónio, estando previstas as atuações de Júlio Resende Fado Jazz Trio "Filhos da Revolução", "Quintessência", de Alexandre Frazão, Mário Laginha Solo e Isabel Rato Quinteto. Destaque ainda para os espetáculos musicais "Às Quintas no Quintal", nos dias 12, 19 e 26, com Bejazz Trio, Moços da Vila e Cães do Cão "Vencidos da Vida".

PIAS EM FESTA ATÉ SEGUNDA

Na vila de Pias, no concelho de Serpa, começam hoje, com duração até segunda-feira, 2 de setembro, as Festas em Honra de São Luís e Santíssimo Sacramento. Os destaques musicais vão para o concerto de Belito Campos (hoje, às 22:30 horas), os tributos a Abba e a António Variações (amanhã, a partir das 22:30 horas), a atuação dos Adiafa (domingo, 22:30 horas) e, por fim, no último dia, o espetáculo musical da banda As Vozes.

MÉRTOLA RECEBE DIA DO CAÇADOR

Promovida pela Câmara Municipal de Mértola, realiza-se no domingo, dia 1 de setembro, na "Vila Museu", a 6.ª edição da jornada da caça, intitulada "Dia do Caçador", evento que inclui um variado programa de atividades ao longo do dia, destacando-se as caçadas aos pombos torcazes, aos patos e de salto aos coelhos. A iniciativa tem como objetivo "proporcionar um encontro enriquecedor entre caçadores naturais e residentes do concelho de Mértola, oferecendo-lhes a oportunidade de participar em caçadas e promover a troca de ideias e experiências que visam o desenvolvimento do setor".

REDE DE MUSEUS

ALMODÔVAR

Almodôvar tem raízes árabes, "Almodaûar", significando redondo, ou cercado em redondo, sugerindo que terá havido por aqui uma fortificação. Nesta terra de tradições e encontros, com um património natural e cultural manifesto, expande-se pela imensidão da planície e por montes e vales serranos. Por aqui respira-se a fragância mais pura da natureza e as estórias e os paladares ancestrais que testemunham o mel de rosmaninho, a aguardente de medronho e os sabores únicos da sua cozinha. Este é um lugar que se move como um moinho de vento e água que, sem parar, produz a farinha, a essência do pão mais autêntico.
Andarilhar por ruas e ruelas deste concelho é ingressar em todo um património arquitetónico caiado, é visitar o seu mercado, um monumento, o sítio arqueológico e todos os seus museus guardam toda uma memória coletiva viva, material e imaterial.
Almodôvar descreve-nos também, obrigatoriamente, um tempo que nos faz viajar até à mais antiga escrita conhecida na Península Ibérica e à segunda da europa, posterior apenas ao grego antigo que surgiu um século antes. Esta escrita que se desenvolveu há mais de 2500 anos, recuando entre o séc. VII e o séc. V a.C., pode ser testemunhada no Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar (MESA), o único no mundo dedicado a esta enigmática grafia. Por aqui, podemos conhecer um significativo conjunto de estelas epigrafadas e objetos legados pelos cónios e outros povos, que se estabeleceram por estas paragens, na Idade do Ferro. Este museu, localizado no centro da vila, merece ser visitado quer pela sua originalidade, quer por ser em si uma peça com conteúdos museológicos significantes.
Por perto, na praça da República, situa-se o Museu Severo Portela na antiga Casa dos Paços do Concelho até ao séc. XIX e edifício prisional até meados do século seguinte. Aqui temos a oportunidade de conhecer trabalhos deste artista, pintor do séc. XX, que nos deixou um legado assinalável e de reconhecido mérito. Nascido em Coimbra e que por matrimónio passou a radicar em Almodôvar, Severo Portela tem de sua autoria, entre outras obras, inúmeros painéis murais patentes em tribunais, por todo o país. Ainda neste museu dá-se a conhecer Memórias de um Ofício que evidência a Profissão de Sapateiro, uma atividade que, até à década de sessenta do século passado, teve uma grande relevância para a região. Com a pressão da industrialização e da emigração foram muitos os que se viram obrigados a procurar por outra vida. Nesta mostra apreendemos a diversidade de modelos de botas e sapatos que nos remetem para histórias de gente que com a sua mestria afirmaram esta arte manual.
Em Santa Clara-a-Nova, no Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro, viajamos por lembranças que aqui se sustentam e que com a exposição arqueológica dos achados das Mesas do Castelinho forma com o próprio sítio, um conjunto que se complementa de forma interativa e amplamente dinâmica. Este espaço museológico, na sua vertente etnográfica, retrata cenários da atividade rural que carateriza a ceifa, a apicultura, a produção da cortiça e a pastorícia. São reminiscências do campo, essências da terra da aldeia, da forja do ferreiro, da oficina do abegão, da mercearia paredes meias com a taberna conhecida como "a venda", a tecelagem, a escola, a barbearia, a casa do povo, a casa alentejana onde se destaca a cozinha com a típica chaminé e o alambique do medronho.
O Sítio Arqueológico de Mesas do Castelinho, a um par de quilómetros deste museu, testemunha a ancestral ocupação do território. Nele foram encontrados artefactos datados da II Idade do Ferro, séc. V - IV a.C. até ao séc. II a.C., altura em que se dá a romanização, perdurando essa realidade até ao séc. II da nossa Era, tendo sido abandonado e, posteriormente, voltou a ser ocupado, durante o período Islâmico, entre os séc. IX e XI. Este local, proporciona-nos de forma única, uma experiência que reside num espaço e num tempo vivencial, habitats, que percorrem o curso da História.
Tudo em redor é aconchego no leito da natureza. Somos convidados a percorrer um passadiço circular que, de forma eficiente, nos mobiliza para a observação da muralha de fundação e para a pequena fortificação islâmica. A escavação do período romano deixou a descoberto várias ruas do povoado, resultado da urbanização processada por essa altura. No Sítio Arqueológico de Mesas do Castelinho celebra-se o encontro de culturas e formas de saber, harmonizando-nos com o passado.

MESA Estela da Abóbada I, conhecida como Estela do Guerreiro

EXPOSIÇÃO DE GRAVURA "GESTOS SOBRE FRAGILIDADE E IDENTIDADE"

A galeria do Espírito Santo, em Moura, vê inaugurada amanhã, sábado, 31, a exposição de gravura "Gestos sobre Fragilidade e Identidade", da autoria de Sarah Guarino, artista plástica italiana e cujo trabalho, através das técnicas de água-forte, colografia, litografia e *mono print*, tem incidido sobre as temáticas da identidade, migração, fragilidade e futuro. Patente até dia 13 de setembro, a exposição poderá ser visitada de terça a domingo, das 9:00 às 12:30 horas, e das 14:00 às 13:30 horas.

SUMMER END: O FINAL DO VERÃO EM ALMODÔVAR

Aquele que é considerado o "maior festival da juventude do Baixo Alentejo" está de regresso ao Complexo Desportivo Municipal de Almodôvar nos dias 6 e 7 de setembro. Com campismo e piscinas gratuitas, o Summer End assume-se como "um festival vocacionado para a camada mais jovem da população", mas que tem vindo a "atrair a atenção de públicos de todas as idades, fruto da diversidade de estilos musicais que apresenta, bem como das atividades que oferece a quem visita". KX Connections, Dezinho, Wet Bed Gang, Mizzy Miles, *DJ* Rena (dia 6) e *DJ* Massivechild, *DJ* Mark Guedes, Alcool Club, Zanova e Bruno Zarra (dia 7) são os artistas que animarão os dias e as noites do evento. As *pool parties* são da responsabilidade dos *DJ* Dinizz & Goncxlo, Duda, Buza, Guedes, Márkito e AZ Pinto. Os bilhetes podem ser adquiridos *on line*, no Fórum Cultural de Almodôvar ou no recinto do festival.

OS SONS DO *JAZZ* ESTÃO A CHEGAR A BEJA

O Centro Unesco para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de Beja recebe, entre os dias 5 e 7 de setembro, a segunda edição do Festival Bejazz, um evento que pretende "destacar o *jazz* e a sua capacidade de unir pessoas em todo o mundo". Maria Carvalho (dia 5 às 22:00 horas), Miles Legacy (dia 5 às 22:30 horas), Susana Travassos (dia 6 às 21:00 horas), João Capinha (dia 6 às 22:30 horas), André Sarbib (dia 7 às 21:00 horas) e Prehistóricos (dia 7 às 22:30 horas) são os escolhidos deste ano. Os bilhetes (diário, para dois espetáculos, ou passe de três dias ou seis) podem ser adquiridos na bilheteira do Pax Júlia Teatro Municipal.

CONVÍVIO "CASTRO SÉNIOR 2024"

No próximo dia 11 de setembro, a Câmara Municipal de Castro Verde organiza o convívio "Castro Sénior 2024", destinado à população com mais de 65 anos do concelho e aos participantes do projeto "Castro Verde XXI". Segundo a autarquia, o evento "inclui um almoço convívio e um momento musical com Tiago Rodrigues e vai decorrer no pavilhão da EB2,3 Dr. António Francisco Colaço, a partir das 12h00 horas, e pretende ser um momento de animação, confraternização e sociabilização entre a população sénior do concelho de Castro Verde".

FEIRA DE SETEMBRO, EM MOURA, RECEBE IVANDRO, OS QUATRO E MEIA E MIGUEL MOURA

A cidade de Moura vai ser o palco de mais uma edição da Feira de Setembro, de 12 a 15 de setembro. O evento, que acontecerá no parque municipal de feiras e exposições, retorna este ano com o XXX Concurso de Méis da região, o Prémio Municipal de Artesanato, uma exposição pecuária e a conferência "Moura: Lazeres de Água, de Património e de Interior". A programação musical incluirá os concertos de Ivandro, da banda Os Quatro e Meia e do fadista da terra, Miguel Moura. O município convidado deste ano será Aljustrel.

RICHIE CAMPBELL E FERNANDO DANIEL SÃO OS CABEÇAS DE CARTAZ DA FEIRA DE FERREIRA

Entre os dias 13 e 15 de setembro terá lugar a edição deste ano da Feira de Ferreira. O evento contará, no dia 13, sexta-feira, com as atuações de Richie Campbel, P*ta da Loucura e Sunlize. No dia seguinte será a vez de Fernando Daniel, Wilson Honrado E Reddeep subirem a palco. Segundo a Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, a feira irá realizar-se na zona envolvente ao salão multiusos e centro cultural, contando, também, com "exposições, tasquinhas, circo e espetáculos distribuídos por três palcos".

FEIRA DA TERRA EM BEJA

O Jardim Público de Beja vai receber, de 13 a 15 de setembro, mais uma edição da Feira da Terra. O evento, organizado pela União de Freguesias de Salvador e Santa Maria da Feira, terá uma vertente solidária, com a venda dos copos reutilizáveis a reverter a favor do Centro de Acolhimento A Buganvília.

FILATELIA

GEADA DE SOUSA

OS JOGOS OLÍMPICOS NA FILATELIA PORTUGUESA III (CONTINUAÇÃO)

Os desenhos dos selos de algumas das emissões alusivas aos Jogos Olímpicos (JO) que temos vindo a apresentar reproduzem imagens de atletas em plena competição.

Tendo por base de trabalho o "Catálogo especializado de Selos Postais e Marcas Pré-Adesivas 2024", vemos que 71 selos mostram-nos uma modalidade desportiva. De notar que a grafia da modalidade é rigorosamente a que consta do catálogo indicado.

Como facilmente se compreende, num conjunto de emissões iniciadas há quase 100 anos (1928/2024), é natural que as repetições se sucedam. Eliminámos aquelas que (pensamos nós) eram de eliminar. O resultado ficou em 37 modalidades distintas. Como somos completamente leigos nesta matéria desportiva, aceitamos, com naturalidade, que um perito no assunto chegasse a uma outro resultado.

Vejamo-las, por ordem alfabética: andebol, argolas, atletismo (100 metros), atletismo (corrida), atletismo (triplo salto), boxe, cavalo com arpões, ciclismo, corrida, corrida com barreiras, esgrima, futebol, ginástica, ginástica feminina, halterofilismo, hipismo, hóquei em patins, judo, lançamento do martelo, luta, natação, halterofilismo, judo, ténis, remo, salto à vara, salto em altura, salto em comprimento, salto para a água, solo, *surf*, ténis, ténis de mesa, tiro com arco, tiro, vela, voleibol.

Vejamos o quadro seguinte: mostra-nos as franquias e o ano e a cidade onde os JO tiveram lugar. (continua)

QUADRO I

Ano	Cidade	Franquias					
1928	Amesterdão	15$00	30$00				
1964	Tóquio	20$00	1$00	1$50	6$50		
1972	Munique	50$00	1$00	1$50	3$50	4$50	5$00
1976	Montreal	3$00	7$00	10$50			
1984	Los Angeles	35$00	40$00	51$00	80$00		
1988	Seoul	27$00	55$00	60$00	80$00		
1992	Barcelona	38$00	70$00	85$00	120$00		
1996	Atlanta	47$00	78$00	98$00	140$00	Bloco 300$00	
2000	Sidney	52$00 0,26€	85$00 0,42€	100$00 0,50€	140$00 0,70€	Bloco 85$00 0,42€	Bloco 215$00 1,07€
2004	Atenas	0,30€	0,45€				
2008	Beijing	0,30€(a)	0,30€(a)	0,75€	Bloco 0,75€ x 4(a)		
2012	Londres	N 20g	I 20g				
2024	Paris	N20g x 18(a)					

a)Imagens de modalidades distintas.

Ilustrações: emissões dos JO de Munique e Los Angeles

Nº 2210 (II Série) | 30 agosto 2024

Fundado a 1 de Junho de 1932 por Carlos das Dores Marques e Manuel António Engana **Propriedade de** CIMBAL | Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo **Presidente do Conselho Intermunicipal** António Bota | **Edição, direção e redação** Praceta Rainha D. Leonor, 1 – 7800-431 BEJA | **Telefone** 284 310 165 **E-mail** jornal@diariodoalentejo.pt | **Publicidade** 284 310 164 / publicidade@diariodoalentejo.pt | **Assinaturas** 284 310 164 / assinaturas@diariodoalentejo.pt **Assinatura anual** País: 44,00€ Europa: 55,00€ Resto do Mundo: 75,00€ Assinatura digital: 15,00€ | **Diretor** Marco Monteiro Cândido (CP8262) | **Redação** Aníbal Fernandes (CP5938A), José Serrano (CP3019A), Nélia Pedrosa (CP2437A) | **Fotografia** Ricardo Zambujo | **Cartoons e ilustração** António Paizana, Paulo Monteiro, Pedro Emanuel Santos, Susa Monteiro | **Desporto** Firmino Paixão | **Colunistas e colaboradores** Ana Filipa Sousa de Sousa, António Nobre, Francisco Marques, Geada de Sousa, José d'Encarnação, Jorge Feio, José Saúde, Júlia Serrão, Luís Godinho, Luís Miguel Ricardo, Né Esparteiro, Vítor Encarnação | **Opinião** Ana Matos Pires, Ana Paula Figueira, Hugo Cunha Lança, Luís Covas Lima, João Mário Caldeira, Manuel António do Rosário, Manuel Maria Barroso, Mário Beja Santos, Martinho Marques, Rui Marreiros, Santiago Macias | **Publicidade e assinaturas** Ana Neves | **Paginação** Aurora Correia e Cláudia Serafim | **Projecto gráfico** Conversa Trocada, Design e Comunicação (conversatrocada@gmail.com) **Depósito Legal** 29738/89 | **Registo da publicação na ERC: 127811** | **ISSN** 1646-9232 | **Nº de Pessoa Colectiva** 509 761 534 | **Tiragem semanal** 6000 Exemplares **Impressão** Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, n.º 50 – Morelena, 2715-028 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP | **Endereçamento e envio postal** Trans Lista

NADA MAIS HAVENDO A ACRESCENTAR...

VÍTOR ENCARNAÇÃO

Temos de ter paciência **Temos de ter paciência, dizia a mulher há três horas à espera da consulta. Talvez fosse a mais velha na sala, sozinha, franzina, de bengala, aparelho auditivo, óculos graduados, os pés inchados dentro de uns sapatos pequeninos, um saco de plástico cheio de medicamentos, a senha com o número do atendimento na mão trémula. Temos de ter paciência, dizia a mulher a outra mais nova que já se inquietava. Os médicos e as enfermeiras é que mandam, a gente nada pode fazer, não vale a pena enervar-se, espere mais um bocadinho que já a chamam. Não se apoquente que eu preciso que você seja os meus ouvidos e os meus olhos, estou quase mouca e pouco vejo, dantes havia pessoas que nos vinham buscar, agora é só vozes que vêm não se sabe de onde e televisões com letras que eu não entendo, olhe lá aqui para a minha senha, se aparecer ali o meu número logo me diz, se eles chamarem pelo meu nome logo me dá de vaia, chamo-me Maria Antónia, só Maria Antónia, não me puseram mais nome nenhum, nem ao menos arranjei um homem que me desse o dele, foi menos essa dor de cabeça que eu tive. Se você for atendida primeiro do que eu tenho de pedir a outra pessoa, se me chamarem e eu não for ninguém vem à minha procura, ninguém me acha menos, já estou habituada. Se calhar já me chamaram mas eu não percebo o que eles dizem, se calhar a televisão já mostrou o meu número mas eu não sei uma letra do tamanho da minha desgraça. Pode ser que ainda consiga apanhar a camioneta da carreira, se tiver de ir de táxi mais a despesa da farmácia lá se vai metade da reforma. Temos de ter paciência.**

MOURA INAUGURA CENTRO ESCOLAR DOS BOMBEIROS

O novo Centro Escolar dos Bombeiros, em Moura, será inaugurado a 13 de setembro, no arranque do ano letivo que se avizinha. A notícia, avançada pelo jornal "A Planície", dá conta que o estabelecimento de ensino irá receber cerca de 200 alunos. A obra teve início em janeiro de 2022, representando um investimento superior a 3,3 milhões de euros, cofinanciada pelo Programa Operacional Regional Alentejo 2020 em 85 por cento (cerca de 2,3 milhões de euros). Segundo a Câmara Municipal de Moura, o novo centro escolar contempla "a instalação de uma biblioteca/ ludoteca, oito salas de 1.º ciclo, duas salas de pré-escolar, refeitório e cozinha, sala de atividades, sala polivalente, laboratório, quatro gabinetes de trabalho, salas de atividades, hortas pedagógicas, parque infantil e espaços exteriores cobertos e descobertos".

QUADRO DE HONRA JORGE SERAFIM, 53 ANOS, NATURAL DE BEJA

Contador de histórias, humorista e promotor do livro e da leitura, percorre o país divulgando contos de tradição oral em contextos escolares, bibliotecas, festivais de teatro, feiras do livro. Como narrador já atuou na Argentina, Uruguai, Cabo Verde, Espanha, Macau, Suíça e Luxemburgo. Como humorista conta com centenas de espetáculos apresentados em televisão, auditórios, empresas, centros culturais e festivais. É autor de diversos livros de poesia, romance, infantojuvenis. É membro do coletivo musical grupo Tais Quais.

"É no afeto que permanece a palavra maior"

À Sombra da Angústia, de Jorge Serafim

Neste seu mais recente livro, um "entrançar de histórias coletivas caminhadas individualmente", a palavra "família" revela-se como a inequívoca centralidade do pensamento literário.

De que nos fala, preponderantemente, este seu livro?
De uma casa de família que se esvazia com o passar do tempo. As memórias assentam praça nos lugares mais recônditos do corpo. Um casal partilhando a vida em conjunto há cerca de 70 anos, para combater a ausência que os transtorna, multiplica as recordações na janela da marquise onde passam muitas horas sentados enfrentando o vazio que os assola.

Percorre, anualmente, o país inteiro, levando os seus variados espetáculos de Sul a Norte. Considera que a "angústia" de que fala no seu livro é semelhante em todas as regiões?
Penso que a angústia abordada nesta narrativa é transversal no País e existe em qualquer canto do mundo. É o caminho natural da vida e todos têm de o fazer e viver. O rumo que cada um segue é um percurso feito sonho, sentimento, desilusão e paixão. Ver partir é contrabalançar o desenrolar da existência com as angústias do coração mãe e do coração pai. Ansiedade *versus* orgulho. Crescimento *versus* amadurecimento.

Que acontecimento, visão ou ideia espoletou a necessidade de escrever esta obra?
Somos cinco irmãos. Cada um seguiu o seu caminho. A casa de família esvaziou. Uma vez ouvi a minha mãe dizer: "Agora tudo nos sobra, quartos, talheres, roupa de cama. Até já vejo a corda do estendal"; algumas memórias pessoais que escutava aos meus pais, a exemplo dos bailes na sociedade recreativa abrilhantados pela Orquestra Ligeira Pax-julia ou dos mastros populares que se faziam na rua da Condessa – a cidade de Beja está sempre presente na minha escrita, como forma de resgatar uma memória riquíssima; a lenda de Beja sobre o touro e a cobra.

Considera que a fruição da arte e da cultura deveria ser em Portugal mais "receitada", no combate aos "apertos de angústia"?
Sem dúvida. Sem cultura morre-se de bestialidade. Assim está o mundo, onde a mercantilização de tudo e mais alguma coisa é o lema das pessoas, das entidades e das nações. Fruir de arte e cultura é repensar o nosso lugar e o nosso papel. Questionar, transgredir, contemplar, repensar, são verbos que nos ensinam que existem outros caminhos, outras histórias a serem ouvidas, além daquelas que nos impingem.

Ainda que ausente do título, "família" é a palavra-chave deste pensamento literário? Absolutamente, a palavra "família" é o motor deste livro. Neste entrançar de histórias coletivas caminhadas individualmente é no afeto que permanece a palavra maior. Envelhecemos para dar sentido ao estendal despido de roupa, à porta da rua que pouco abre, às palavras que ficaram por dizer e aos abraços que ficaram por abraçar. Depois é sempre nos regressos que a solidão esmorece e o amanhã não tem medo de existir.

JOSÉ SERRANO

337 NOVOS ESTUDANTES NO IPBEJA

A primeira fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior resultou em 337 novos estudantes colocados no Instituto Politécnico de Beja (IPBeja), preenchendo 66 por cento das 512 vagas disponibilizadas em 14 licenciaturas. Segundo o IPBeja, face ao ano anterior, houve um aumento de quatro por cento, tendo "sido preenchidas a totalidade das vagas em metade das licenciaturas, o que reforça o posicionamento da instituição no panorama nacional".

HISTÓRIA DE ALQUEVA EM VÍDEO

A Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva (EDIA) disponibilizou nas suas redes socias um pequeno documentário em que mostra a história da barragem, um projeto marcado "por um conjunto de avanços e recuos ao longo de quase cinco décadas de história". Referindo a importância de Alqueva para o regadio, abastecimento público e industrial, mas também para o setor turístico, a EDIA refere que esta é "uma história longa, com um final feliz.

MAIS MORTOS NA CAMPANHA "TAXA ZERO AO VOLANTE" EM BEJA

O distrito de Beja registou, no País, o maior número de vítimas mortais, na sequência de acidentes rodoviários ocorridos entre 20 e 26 de agosto. É este o balanço da campanha de segurança rodoviária "Taxa Zero ao Volante". A ação, da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária, Guarda Nacional Republicana e Polícia de Segurança Pública, registou mais de 2200 acidentes ao longo de seis dias, dos quais resultaram oito mortos em seis distritos – Beja (três), Aveiro (um), Braga (um), Faro (um), Porto (um) e Viana do Castelo (um) –, 39 feridos graves e 680 feridos leves. Neste período, as autoridades fiscalizaram 52,5 mil veículos e registaram 24,5 mil infrações, 979 das quais relativas a condução sob o efeito de álcool.